



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

WHO RUN THE WORLD? GIRLS!
O POLÊMICO FEMINISMO EM BEYONCÉ KNOWLES

GABRIELA FERREIRA AMARAL

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

WHO RUN THE WORLD? GIRLS!
O POLÊMICO FEMINISMO EM BEYONCÉ KNOWLES

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

GABRIELA FERREIRA AMARAL

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Junqueira

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Who run the world? Girls! O polêmico feminismo em Beyoncé Knowles** elaborada por Gabriela Ferreira Amaral.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Junqueira
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Ilana Strozenberg
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Liv Sovik
Doutora em Ciências da Comunicação - USP
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

AMARAL, Gabriela Ferreira.

Who run the world? Girls! O polêmico feminismo em Beyoncé Knowles. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Maria Helena Junqueira

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer muitíssimo à minha mãe Rosa Maria e à minha irmã Jéssica. Sem as duas eu não teria conseguido nada nessa vida. Obrigada pelos conselhos, puxões de orelha, incentivos e todo o suporte emocional que sempre me deram. Apoio incondicional também mesmo quando falei que queria jornalismo e que possivelmente eu seria pobre por causa disso (rs). Vocês são os amores da minha vida.

Ao meu “paidrasto” Fernando, aquele que me ensinou que pai mesmo é quem cria. Ele sempre me incentivou seja no jornalismo ou na carreira que eu escolhesse seguir, e nunca mediu esforços pra possibilitar que isto se realizasse.

Muitos agradecimentos também à minha orientadora Maria Helena Junqueira que sempre se mostrou muito disponível para me ajudar em um dos momentos que pareceram mais difíceis para mim. Gostaria de agradecer também às professoras Ilana Strozenberg e Liv Sovik por, tão gentilmente, terem aceito o meu convite para participar desta banca.

Não poderia deixar de agradecer também aos meus amigos da ECO, a Putchurminha. Eles fizeram dos meus dias muito mais animados, sejam nas aulas, no sujinho, ou no laguinho jogando um truco. Paula, Amanda, Tchuca, Aninha, Xícara, Dan, Jess, Sereio e Karen, sei que vocês são pra sempre na minha vida, muito obrigada pelo companheirismo de sempre.

Obrigada também à minha família que mora em Portugal e que mesmo de longe, sempre comemoraram as minhas vitórias e me incentivaram a seguir meus sonhos.

Por último, a todos os meus amigos que sempre estiveram presentes e entenderam as minhas negativas para sair por causa da monografia. Thiago, Dani, Lívia, Sérgio, Raphael e Érika, obrigado por estarem sempre comigo e pegarem no meu pé para que eu terminasse logo a monografia e parasse de enrolar. Obrigada por me fazerem tão felizes sempre!

AMARAL, Gabriela Ferreira. **Who run the world? Girls! O polêmico feminismo em Beyoncé Knowles**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar como o feminismo está presente na obra da cantora estadunidense Beyoncé Knowles. O Feminismo é um tanto quanto necessário na nossa sociedade atualmente. A intenção é a de analisar tal causa a partir do momento em que ela é abordada por uma celebridade com influência global como é o caso de Beyoncé. Além disso, a cantora já sofreu diversas críticas por ser contraditória em seu ativismo, muitas vezes sendo chamada de feminista machista. Por isso, acredito ser importante discutir até que ponto o feminismo em Beyoncé é comprometido com milhares de mulheres que são influenciadas pela cantora e qual é o papel da mídia neste processo. A questão central aqui é a de discutir até que ponto ela se apropria de ideias e posturas do feminismo estadunidense para promover a sua obra e também se tal apropriação resulta de um real engajamento com a causa.

AMARAL, Gabriela Ferreira. **Who run the world? Girls! O polêmico feminismo em Beyoncé Knowles.** Rio de Janeiro, 2016, Communication School (ECO), Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), Graduation Term Paper.

ABSTRACT

The main goal of this graduation term paper is to study the feminism in the work of the american singer Beyoncé Knowles. Currently, the feminism is extremely necessary for our society. The intention here is to analyze this social movement from the moment it is highlighted by a celebrity with a status of global leader such as Beyoncé. Beyond that, the singer already was criticized for being contradictory in her activism, constantly being called of a sexist feminist. That is why I believe it is important to discuss the commitment of Beyoncé with feminism and with hundred of women and what is the media role in this process. The central question here is to discuss how far she appropriates ideas and postures of american feminism to promote her work and also wheter such appropriation results from a real engagement with the cause.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 MOMENTO ATUAL DO MOVIMENTO FEMINISTA	5
2.1 Introdução ao feminismo.....	5
2.2 Feminismo nos Estados Unidos da América	9
2.3 Terceira onda feminista e momento atual.....	15
3 BEYONCÉ KNOWLES: UMA DAS MAIORES DIVAS DA MÚSICA POP CONTEMPORÂNEA	18
3.1 História	18
3.2 Feminismo na obra de Beyoncé	22
3.3 Discurso feminista na imagem de Beyoncé	29
4 ANÁLISE DO FEMINISMO EM BEYONCÉ KNOWLES.....	33
4.1 Marketing pessoal feminista?	33
4.2 Beyoncé, pós-feminismo e raça	36
4.3 Quando o feminismo em Beyoncé se confunde com machismo.....	40
5 CONCLUSÃO	45
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Beyoncé Knowles-Carter é uma das artistas mais celebradas atualmente e muito disso se deve ao poder que ela tem de influenciar massas através de suas composições e atitudes. O que a diferencia de outras celebridades do universo pop é o comprometimento que ela mostra com o feminismo, sobretudo, o feminismo negro. A mídia também é um fator fundamental para a difusão dos ideais da cantora e é considerada um combustível para alavancar a imagem de Beyoncé como uma das grandes feministas do universo da música.

Em um mundo cada vez mais globalizado e dominado por discursos politicamente corretos, estar no meio artístico e defender causas sociais se tornou uma forma atrativa de vender discos e arrebatando mais fãs que são atraídos por tal discurso libertário. Ao mesmo tempo, muitas correntes conservadoras vem se firmando na sociedade, correntes estas que tendem a resistir ao poder das celebridades de apoiarem e alavancarem mudanças sociais.

Beyoncé talvez seja a representação perfeita de uma mulher corajosa e poderosa que luta por seus ideais através da música pop, que segundo Micael Herschmann¹, é um universo muitas vezes visto como espécie de lixo cultural globalizado. Ao mesmo tempo em que Beyoncé é celebrada por seu ativismo, ela também é muito criticada. Em algumas fases de sua carreira, ela se mostrou um tanto quanto contraditória ao defender ideias feministas, ao mesmo tempo que pregava a noção da mulher ser tratada como objeto. Por esta razão, é acusada por muitos de ser uma feminista machista.

A problematização do feminismo de Beyoncé é importante para os estudos culturais e estudos de gênero, possibilitando uma discussão mais aprofundada dos efeitos que tal problematização pode gerar para processos comunicacionais da indústria da música.

O objetivo aqui é comprovar de que por mais que existam contradições no trabalho de Beyoncé, ela é um ícone feminista a partir do momento em que escolhe abordar o assunto mundialmente. Falhas e problemas sempre estarão presentes no feminismo visto que não existe uma feminista perfeita. As mulheres, ainda hoje, são moldadas para se encaixarem em uma sociedade marcada pelo machismo, patriarcalismo e de dominância branca. Já é difícil se rebelar contra tudo que nos foi ensinado e assumir que é sim uma feminista, como no caso da cantora. Acredito que sempre teremos falhas, mas o importante é sempre quereremos melhorar e nos livrarmos das amarras preconceituosas pelas quais somos influenciadas a acreditar durante as nossas existências.

1 Em entrevista concedida à autora. Íntegra nos adendos.

A metodologia utilizada para tal trabalho foi, primeiro de tudo, ler e pesquisar mais sobre feminismo. Com nomes de referência na área como Simone de Beauvoir, Judith Butler e Angela Davis, por exemplo. É claro, analisar profundamente o trabalho de Beyoncé, meu objeto de estudo, tanto nas composições quanto nas apresentações e o ativismo a que ela se propõe. A análise da obra de Beyoncé e como ela conjuga isso com a própria imagem midiática construída ao longo dos anos fez com que eu pudesse aplicar conhecimentos de Beauvoir, Butler e Davis, por exemplo, no trabalho da cantora.

Outra leitura que foi essencial foi o *The Essential Feminist Reader*, livro organizado por Esteele B. Freedman, e que vai contando a história do feminismo. Seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos históricos dos movimentos feministas, Freedman mostra trechos e discursos que tiveram um papel fundamental na história dos direitos da mulher. O livro foi bastante usado para escrever, principalmente, o primeiro capítulo deste trabalho.

Além disso, fiz duas entrevistas que foram um tanto quanto esclarecedoras para o trabalho. A primeira foi com o professor doutor da Escola de Comunicação da UFRJ, Micael Herschmann, sobre o poder atual que celebridades do universo pop tem sobre a sociedade. A segunda entrevista foi feita com a também professora doutora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Lígia Lana, especialista em estudos de celebridade, feminismo e representações femininas na mídia.

O segundo capítulo desse trabalho começará com uma breve introdução sobre o feminismo. Após entender um pouco mais sobre o que se trata, é importante falar sobre o feminismo nos Estados Unidos, visto que é o país de Beyoncé Knowles, aqui em foco. Por isso é imprescindível entender em que contexto dos estudos de gênero a cantora cresceu e está inserida. A terceira e última parte deste capítulo é dedicada a explicar a terceira onda do movimento feminista e a contemporaneidade do movimento, inclusive a eclosão do chamado pós-feminismo. Como Beyoncé é uma artista que está em constante evidência na mídia, é obrigatório perceber o momento atual e o contexto que a cantora e o feminismo estão inseridos na sociedade.

O terceiro capítulo será dedicado a explicar mais sobre a própria Beyoncé. A história de vida da cantora, incluindo a estrutura familiar e as condições econômicas a que foi submetida em toda a sua vida, visto que, segundo Angela Davis (2007), é impossível dissociar a relação entre raça e classe. Ainda neste capítulo, analisarei as músicas de Beyoncé que são consideradas feministas, diversos videoclipes também com conteúdos de

gênero e o trabalho da cantora exclusivamente na indústria musical com indícios feministas.

Por último, é importante também analisar como ela usa a sua imagem pessoal para defender causas sociais, principalmente, o feminismo. Nesta seção, serão estudados mecanismos diferentes utilizados para defender seus ideais, como por exemplo, a postura que ela assume no palco e em apresentações em eventos especiais, e o seu ativismo em campanhas que visam a igualdade de gênero e melhores condições para mulheres.

O quarto capítulo destina-se a problematizar todo o feminismo de Beyoncé Knowles. Primeiro de tudo, analisando até que ponto a defesa do feminismo é um lugar de mercado para a cantora e para criar um marketing pessoal forte em torno da sua imagem. Depois, é importante explicar o porquê de a cantora ser, de acordo com Lígia Lana², uma heroína pós-feminista e quais processos são influenciados por tal fator.

Além disso, falarei da questão racial no feminismo de Beyoncé, lembrando que esta é uma vertente que jamais pode ser ignorada ao analisar a cantora, visto que ela é uma mulher negra, com origem na região sul dos Estados Unidos, que foi predominantemente escravocrata e que até hoje sofre com tensões raciais. E é claro, o que a narrativa de sucesso de Beyoncé na mídia representa para o empoderamento da mulher negra.

Por último, suscitar a polêmica de que a cantora representa um tipo de feminismo machista na nossa sociedade. É essencial interpretar tal dualidade muito presente na obra de Beyoncé, sempre tendo em mente os estudos de gênero e o momento atual que ele é representado na mídia e como é abordado também através da indústria da música, por celebridades globais.

Acredito que tal trabalho irá contribuir imensamente não só para o universo acadêmico dos estudos de gênero, culturais e midiáticos, mas também para começarmos a entender a nossa sociedade como um local em que, não importa o seu trabalho, se você tem uma causa ou ideal, vale a pena lutar por ele da maneira que você julga mais correta. Além disso, contradições e discordâncias sempre irão existir quando falamos de ativismo e de movimentos sociais. O importante é sempre tentar entender tais questões para que em um futuro próximo tais contradições não sejam suficientes para desqualificar a mensagem que você quer passar ao mundo.

² Em entrevista concedida à autora. Íntegra nos adendos.

E por último, prestar um pouco mais de atenção ao explorar tais causas para benefício próprio, tendo em mente de que muitas pessoas no mundo sofrem com diferentes tipos de problemas e tem, muitas vezes, em suas lutas, a esperança de uma sociedade melhor.

Eu não sei se as pessoas entendem o que uma feminista é, mas é muito simples. É alguém que acredita em direitos iguais para homens e mulheres. Eu não entendo a conotação negativa da palavra, ou porque as pessoas acham que ela exclui o sexo oposto. (...) Nós precisamos de homens e mulheres que entendam os padrões dúbios que ainda existem no nosso mundo, e precisamos ter uma conversa real para termos mudanças. (...) Eu não gosto de rótulos. Não quero que me chamem de feminista para fazer com que isso seja a minha prioridade acima do racismo ou machismo ou qualquer outra coisa. Eu só estou cansada de ser rotulada. Se você acredita em direitos iguais, da mesma forma que uma sociedade permite que um homem expresse a sua escuridão, sua dor, sua sexualidade e sua opinião, então eu acredito que as mulheres devem ter esses mesmos direitos. (KNOWLES, 2016)³

3 Tradução feita pela autora. GOTTESMAN, T. EXCLUSIVE: Beyoncé wants to change the conversation. ELLE Magazine. 4 abril 2016. Disponível em <http://www.elle.com/fashion/a35286/beyonce-elle-cover-photos/> Acesso 8 novembro 2016. Original: I'm not really sure people know or understand what a feminist is, but it's very simple. It's someone who believes in equal rights for men and women. I don't understand the negative connotation of the word, or why it should exclude the opposite sex.(...) We need men and women to understand the double standards that still exist in this world, and we need to have a real conversation so we can begin to make changes. (...)I don't like or embrace any label. I don't want calling myself a feminist to make it feel like that's my one priority, over racism or sexism or anything else. I'm just exhausted by labels and tired of being boxed in. If you believe in equal rights, the same way society allows a man to express his darkness, to express his pain, to express his sexuality, to express his opinion—I feel that women have the same rights.

2 FEMINISMO E O MOMENTO ATUAL DO MOVIMENTO

Antes de entender o porquê da cantora Beyoncé ser considerada feminista por alguns e a influência que ela tem sobre muitas mulheres, é importante compreendermos o feminismo, como ele surgiu e quais foram os seus momentos. Além disso, é imprescindível também estudar o feminismo nos Estados Unidos da América, país em que a cantora nasceu, foi criada e mora atualmente. Para chegarmos ao contexto atual do movimento, precisamos entender em qual momento as mulheres se deram conta de seu tratamento inferior na sociedade e começaram a reivindicar direitos iguais.

2.1 Introdução ao Feminismo

Há alguns anos atrás, poderia soar um tanto quanto incomum falar de feminismo com tanta naturalidade e como um conceito extremamente popular em nossa sociedade. É verdade que os tempos mudaram, e que o movimento feminista é visto hoje como algo natural e essencial para atingirmos uma sociedade mais igualitária quando falamos de gênero.

Embora muitos avanços tenham sido feitos – com as chamadas primeira, segunda e terceira ondas do feminismo – a verdade é que ainda existe muito preconceito de gênero arraigado no nosso cotidiano. É bastante intrigante pensar que ainda nos dias atuais, muitas mulheres de diferentes países ainda lutam pelos mesmos direitos que nossas mães e avós lutaram em décadas passadas. Mas é um fato que o feminismo amadureceu muito as suas ideias e o seu alcance em diferentes camadas sociais.

Muito se fala sobre o feminismo e existem muitas divergências acerca do que ele realmente reivindica e representa. De acordo com o dicionário Michaelis online, o feminismo é:

Movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades destes. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcado, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual.⁴

4 Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=ZBWx> Acesso 5 outubro 2016.

Já a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2014) usou a seguinte definição de feminista “Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica dos sexos.”. E é exatamente isso que o movimento prega, igualdade em todos os direitos e deveres de todos os seres humanos, sem distinção de gênero.

Outra obra que nos aclara o papel da mulher na sociedade e incitou o movimento feminista foi O Segundo Sexo, publicado em 1949, pela francesa Simone de Beauvoir. Este é um dos livros mais famosos de todos os tempos. A obra é considerada um marco no movimento feminista, já que trata de questões importantíssimas para entender as razões da mulher ser tão oprimida na sociedade. Assuntos como as diferenças biológicas entre os sexos foram tratados para desmistificar a relação entre os gêneros, tanto no âmbito social quanto no âmbito fisiológico.

(...) a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana.(BEAUVOIR, 2009. p. 58)

As primeiras grandes reivindicações da mulher na sociedade começaram a ser expostas no século XIX. Esse momento foi denominado de primeira onda feminista, com as chamadas “sufragistas”. A principal demanda era uma maior participação política em seus respectivos países. Não demorou muito e a maior reivindicação se transformou no direito ao voto para todas as mulheres, o chamado sufrágio feminino.

O primeiro país em que a mulher ganhou o direito ao voto foi a Nova Zelândia, em 1893. A britânica de Liverpool Kate Sheppard foi a líder desse movimento. Sheppard e suas colegas sufragistas conseguiram organizar um abaixo-assinado com cerca de 32 mil assinaturas, o maior abaixo-assinado até então direcionado ao governo neozelandês. Após toda a pressão, o sufrágio foi garantido em todo o país.

O movimento neozelandês inspirou sufragistas do mundo inteiro, inclusive as do Reino Unido, que recentemente foram retratadas no cinema na obra “As Sufragistas” (2015), dirigido por Sarah Gavron. A princípio, os objetivos dessas mulheres britânicas eram os mesmo das neozelandesas, elas queriam maior participação na política. Em sua maioria, eram mulheres que já faziam parte de movimentos abolicionistas, por isso essas reivindicações migraram para um campo político, resumidas no direito ao voto. Em 1903,

Emmeline Pankhurst, fundou a União Política e Social das Mulheres⁵. Ela foi uma das líderes na luta ao direito pelo voto. A forma de protesto deste partido era através de táticas violentas, como por exemplo destruição de propriedades privadas. Vale ressaltar que em todo o país existiam outros grupos de sufragistas que empregavam tática diversas a essa, com métodos pacíficos.

Com todos esses protestos, elas conseguiram atrair a atenção da mídia para a causa. Em 1912, Emmeline Pankhurst organizou um discurso em sua casa, Old Baley, para falar da importância da participação da mulher no sistema eleitoral. Tal discurso ficaria muito conhecido anos depois.

Que direito tem você, como homem, de julgar as mulheres? Quem te deu esse direito, mulheres sem voz ativa para decidir o sistema legal deste país, sem voz para dizer o que é um crime e o que não é? (PANKHURST *in* FREEDMAN, 2007. p. 197)⁶

Em 1918, o sufrágio feminino foi garantido no Reino Unido. Mas com algumas ressalvas, isto é, somente mulheres acima de 30 anos e com ao menos uma propriedade poderiam votar. Isso representava cerca de 40% das mulheres britânicas. Somente com um Ato de 1928 as mulheres adquiriram direitos iguais aos homens no que dizia respeito ao processo eleitoral.

É claro que na época, esses protestos não eram chamados de movimentos feministas. Mas podemos afirmar que esse foi um passo importantíssimo para a independência da mulher não só no sentido político, mas também em outras esferas como a econômica e social.

Em meados dos anos 60, pudemos perceber a eclosão de uma segunda onda feminista. Mulheres de todo o mundo lutando por igualdade de direitos em todos os campos da sociedade, não só no político. Questões que são polêmicas até hoje como a desigualdade de salários no mercado de trabalho, o aborto, orgasmo feminino, métodos anticoncepcionais, gravidez e maternidade foram discutidos pela primeira vez.

Ainda na segunda onda, as feministas estavam chamando a atenção de todo o mundo, por isso, a década de 70 ficou conhecida como a década da mulher, com o ano de 1975 sendo declarado o ano internacional da mulher. Toda essa movimentação foi

5 Tradução da autora. Original: Women's Social and Political Union or WSPU.

6 Tradução da autora. Original: What right have you, as men, to judge women? Who gave you that right, women having no voice in deciding the legal system of this country, no voice in saying what is a crime and what is not a crime?

respaldada pela ONU – Organização das Nações Unidas, que desde a década de 40 já militava em busca de direitos iguais.

Foi em 1975, na cidade do México, que foi realizada a Convenção de eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres⁷, a primeira de uma série de três conferências internacionais para discutir os preconceitos contra a mulher e como erradicá-los em um contexto internacional.

(...) O termo ‘discriminação contra a mulher’ significa qualquer distinção, exclusão ou restrição feita com base no gênero que tenha o efeito ou a finalidade de prejudicar ou anular o reconhecimento, o orgulho e o exercício dos direitos das mulheres, independentemente do seu estado civil, com base na igualdade de homens e mulheres, de direitos humanos e liberdades políticas, econômicas, sociais, culturais, civis e de qualquer outra natureza. (UNITED NATIONS *in* FREEDMAN, 2007. p. 337)⁸

A terceira onda feminista teve início no começo da década de 90 e está presente até os dias atuais. Já com o fortalecimento da internet, as demandas começaram a ser expressas de maneira global e de uma forma muito mais conectada. Atualmente, qualquer mulher pode entrar na internet e se informar sobre feminismo e questões sobre a mulher.

Há mais de um século, as feministas vem lutando por seus direitos. E ainda que tenhamos tido muito sucesso neste processo, ainda enfrentamos muito machismo velado no nosso cotidiano. Mesmo obtendo êxito no processo de direito ao voto, na inclusão no mercado de trabalho, na liberdade sexual, entre outros, podemos dizer que ainda existe muito preconceito contra a mulher na nossa sociedade.

A única certeza que podemos ter sobre o feminismo e todo esse movimento em prol da aquisição de direitos que deveriam ser básicos para qualquer cidadão, sem distinção de gênero, raça ou classe social é a de que, em qualquer dificuldade, seja econômica, política ou social, a sociedade, em geral, sempre questionará os direitos da mulheres.

7 Tradução da autora. Original: Convention of the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women

8 Tradução da autora. Original: the term “discrimination against women” shall mean any distinction, exclusion or restriction made on the basis of sex which has the effect or purpose of impairing or nullifying the recognition, enjoyment or exercise by women, irrespective of their marital status, on a basis of equality of men and women, of human rights and fundamental freedoms in the political, economic, social, cultural, civil or any other field.

2.2 Feminismo nos Estados Unidos da América

Após os sufrágios femininos serem declarados na Nova Zelândia e Reino Unido, a ideia de que a mulher deveria ter uma maior participação política na sociedade logo se alastrou para o Estados Unidos. E é daí que tem origem a primeira onda feminista no país, também com as sufragistas norte-americanas.

O processo foi semelhante ao que aconteceu no Reino Unido. No começo, a questão feminista não estava em pauta e sim a questão abolicionista. As irmãs Sarah e Angelina Grimké, oriundas de uma família escravocrata, começaram uma mobilização contra a política escravocrata predominante no Sul dos Estados Unidos. Através de seus discursos, elas convocaram as mulheres americanas a se mobilizarem pela causa abolicionista. E assim, o debate em torno dos direitos da mulher veio à tona.

Tudo que eu reclamo é que a nossa educação consista quase que exclusivamente em culinária e outras operações manuais. Eu anseio por ver o tempo em que não será mais necessário para as mulheres gastarem tanto tempo mobiliando ‘uma mesa bem dividida’, mas que os seus maridos irão renunciar algumas de suas indulgências costumeiras neste sentido, e irão encorajá-las a gastar mais tempo com o exercício da mente. (GRIMKÉ *in* FREEDMAN, 2007. p. 49)⁹

Ainda na chamada primeira onda feminista nos EUA, foi a vez da questão do feminismo negro ser abordado. Sojourner Truth, mulher nascida escrava em Nova Iorque, foi quem abordou a ideia de que mulheres negras deveriam ter os mesmos direitos das brancas. Um de seus discursos ficaria bastante famoso e serviria de referência para o feminismo negro alguns anos depois. Foi no ano de 1851, quando ela falou na Convenção dos Direitos da Mulher em Ohio.

Nós fazemos tanto quanto elas(mulheres brancas), comemos tanto quanto elas, nós queremos tanto quanto elas. Eu suponho que eu sou a única mulher negra que discursa pelos direitos das mulheres negras. Eu quero manter esta agitação política, agora que o gelo foi quebrado.¹⁰ (TRUTH *in* FREEDMAN, 2007. p. 65)

9 Tradução da autora Original: All I complain of is, that our education consists so almost exclusively in culinary and other manual operations. I do long to see the time, when it will no longer be necessary for women to expend so many precious hours in furnishing “a well spread table”, but that their husbands will forego some of their accustomed indulgences in this way, and encourage their wives to devote some portion of their time to mental cultivation(...).

10 Tradução da autora. Original: We do as much, we eat as much, we want as much. I suppose I am about the only colored woman that goes about to speak for the rights of the colored woman. I want to keep the thing stirring, now that the ice is cracked.

Entretanto, a campanha do sufrágio universal ganhou ainda mais força com o preconceito racial, muito frequente nos Estados Unidos. Isso porque algumas defensoras do sufrágio decidiram se alinhar com racistas sulistas do país, com a justificativa de que se as mulheres brancas ganhassem o direito ao voto, elas poderiam ajudar, cada uma com o seu voto, a conter as reivindicações abolicionistas.

No final do século XIX, o movimento em prol do sufrágio feminino conseguiu se unificar e com isso, foi criada a Associação nacional americana pelo sufrágio feminino¹¹. Liderado por Elizabeth Cady Stanton, elas mudaram as suas diretrizes de defesa ao voto feminino – este seria para ajudar a perpetuar os ideais domésticos da mulher na sociedade através de um voto “consciente” em pessoas e partidos de natureza conservadora. Além do mais, o sufrágio feminino para mulheres brancas ajudaria a perpetuar a supremacia masculina e branca. Ainda no final do século XIX, alguns estados como Colorado, Idaho e Utah deram direito ao voto às mulheres, mas com limitações.

Após mais alguns anos de luta, em 1910, outros estados começaram, gradativamente, a permitir o voto de mulheres brancas que eram proprietárias de algum imóvel. Este processo durou cerca de 10 anos. Finalmente, no dia 26 de agosto de 1920, todos os estados dos Estados Unidos da América aprovaram o sufrágio feminino. Lembrando que a Primeira Guerra Mundial também foi importante para esse processo. Muitas mulheres trabalharam durante esta guerra, ou seja, se elas dedicavam suas vidas trabalhando por uma causa nacional, então queria dizer que elas eram tão americanas e patriotas quanto os homens. Este foi mais um argumento que ajudou bastante na hora de lutar pelo sufrágio.

A segunda onda feminista atingiu os Estados Unidos algumas décadas depois, em torno dos anos 60, período marcado pela eclosão de movimentos civis e sociais na sociedade estadunidense. Vale lembrar também que era um contexto intenso de Guerra Fria, período marcado por um forte enfrentamento estratégico, político e militar entre os Estados Unidos capitalista contra a União Soviética socialista.

Foi assim que o chamado Movimento de Libertação das Mulheres¹² teve seu início nos EUA. Este foi o nome dado ao movimento feminista que começou a pensar não só o papel político da mulher na sociedade, mas também o econômico e social. Elas tinham

11 Tradução da autora. Original: National American Woman Suffrage Association (NAWSA).

12 Tradução da autora. Original: Women's Liberation Movement

diversas demandas que jamais haviam sido citadas como o direito ao aborto, sistema de creche eficiente, salários equiparados para homens e mulheres, entre outros.

Tudo começou com um dos livros mais controversos do ano e que marcou esse período. *A Mística Feminina*, de Betty Friedman, foi lançado em 1963. Esta obra questionava a ideia de que a mulher deveria ser uma esposa, dona-de-casa e mãe perfeita e que estas eram as únicas coisas que uma mulher deveria almejar em sua vida. Muitas pessoas acreditam que o livro foi um divisor de águas na história do feminismo dos Estados Unidos.

Nem mesmo o melhor analista é capaz de incutir-lhe coragem para ouvir seu protesto interior, no sentido de encontrar a própria identidade neste mundo em evolução. Precisa criar, com seus impulsos e talentos, um novo plano de vida, nele encaixando o amor dos filhos e do lar, que no passado definia a feminilidade, com o trabalho para um objetivo mais amplo que amolde o futuro. (FRIEDMAN, 1971. p. 291)

Além de escrever *A Mística Feminina*, Betty Friedman, junto com Muriel Fox e Jacqueline Ceballos, também foi uma das fundadoras do NOW – Organização nacional das mulheres¹³ no ano de 1966. A luta pela igualdade nas ofertas de trabalho e educacionais era uma das mais expressivas e que mais motivou o movimento. A maioria dos empregos direcionados às mulheres tinham requisitos baseados na estética, em outras palavras, eram para mulheres consideradas bonitas. Os melhores trabalhos, com plano de carreira e bons salários, eram todos direcionados aos homens.

Aos poucos, o NOW foi criando diversos comitês estaduais como bases de apoio para o movimento de libertação das mulheres. E o crescimento do feminismo nos Estados Unidos foi bastante vertiginoso.

A parte mais jovem que militava pelos direitos da mulher era formada, basicamente, por pessoas vindas de movimentos dos direitos civis, universitários e anti-guerra – como por exemplo a Guerra do Vietnã. A questão é que a maioria dos movimentos civis que estavam acontecendo naquela época acabaram, então muitas dessas mulheres se incorporaram ao movimento feminista. Somado a este fato, as mulheres que já eram ativistas pela causa estavam fazendo uma campanha muito forte para recrutar mais seguidoras para o feminismo.

Com o movimento mais organizado, as feministas começaram a suscitar uma série

13 Tradução da autora. Original: National Organization of Women.

de questões dentro de suas vidas cotidianas. Dentro dos movimentos estudantis, questionavam o porquê das mulheres não assumirem papéis de liderança. E quando elas tentavam, eram ridicularizadas somente pelo fato de serem mulheres. Dentro do movimento negro acontecia a mesma coisa. Não existia nenhuma mulher como líder e assim sucessivamente com vários movimentos civis. Então elas perceberam que eram reprimidas mesmo dentro de seus próprios movimentos, locais em que a luta por liberdade e direitos de vários segmentos sociais deviam ser o mais importante. E foi então que se teve essa necessidade de organização para fundar um movimento exclusivamente feminista.

As mulheres se reuniam dentro de seus comitês e começavam a falar de questões que elas enfrentavam por serem mulheres. Vários assuntos vieram à tona como por exemplo, aborto, instrumentos opressores como sutiãs e cintas, preconceito no mercado de trabalho, falta de uma preocupação com o sistema de creches, imposição de padrões de beleza, entre outros. Elas foram se identificando com os problemas das outras, e então perceberam que aqueles não eram problemas de caráter pessoal, e sim de caráter social.

Ainda que elas estivessem se organizando, elas ainda precisavam de visibilidade nacional. Uma das melhores oportunidades para isso foi o Miss America de 1968, concurso de beleza que exaltava o padrão machista e racista predominante na sociedade estadunidense. Eram apenas mulheres brancas e magras que competiam. Antes do evento, feministas se juntaram na porta do concurso e começaram a queimar seus sutiãs e cintas em uma lata de lixo, simbolizando o combate a instrumentos opressores da mulher. Esse icônico episódio ficou conhecido como Lata de lixo da liberdade¹⁴ e para sempre ficou na memória do movimento feminista. Depois, na coroação do Miss America, as feministas estenderam uma bandeira com os dizeres Women's Liberation – “Libertação das Mulheres”. O objetivo era lutar contra a ideia de que mulheres são objetos sexuais e contra os padrões de beleza vigentes na época. Os protestos continuavam por todo o país e após o episódio da queima dos sutiãs e cintas, o movimento das mulheres já tinha bastante visibilidade nos Estados Unidos.

As mulheres continuaram a experienciar identificações umas com as outras dentro do movimento feminista. Com isso, surgiram também identificações entre mulheres que sofriam algum outro tipo de preconceito que não só o de ser mulher, como por exemplo as negras, as lésbicas, e as mães. E então, esses grupos minoritários de mulheres perceberam

14 Tradução da autora. Original: Freedom Trash Can.

que tinham demandas específicas que não se aplicavam a todas as mulheres. Com isso, resolveram se organizar em diferentes grupos de libertação, para pensar melhor em suas outras reivindicações.

Neste contexto, diversos movimentos de libertação de mulheres negras explodiram na sociedade estadunidense. Comitê de libertação das mulheres negras¹⁵ e União das irmãs negras¹⁶ foram algumas das organizações de mulheres negras que surgiram neste momento. A questão da mulher negra era bem mais delicada. A maioria não se identificava com o movimento feminista em curso, porque muitas vezes elas trabalhavam como domésticas para mulheres brancas. Ao mesmo tempo, não se identificavam completamente com o movimento negro porque elas eram frequentemente exploradas por homens negros. Então elas precisavam de um movimento que fosse específico para suas demandas.

Muitas dessas mulheres vieram de outros movimentos negros, como por exemplo o movimento Black Power, que decidiu romper com o padrão de beleza europeu através do cabelo. Historicamente, escravas tinham que alisar os cabelos para se adequar a sociedade escravocrata e racista e o movimento Black Power pregava exatamente o contrário. Que o cabelo do negro deveria ser exposto ao natural e com orgulho de suas raízes. Um dos grandes nomes deste movimento foi Angela Davis. Desde jovem, ela sempre foi engajada com causas raciais. Inclusive ela lutou ao lado de Malcolm X com os Panteras Negras, movimento de resistência negra nos Estados Unidos que utilizava métodos violentos para lutar por uma sociedade menos racista. Além de fazer parte do movimento negro, Davis também usou a sua influência pela causa feminista. Ela acreditava que gênero, sexualidade, raça e classe estavam intimamente ligados, por isso não se identificava com o feminismo vindo de mulheres brancas, que tinham outras prioridades que nada tinham a ver com a das mulheres negras.

Diferente do Comitê de libertação das mulheres negras e do União das irmãs negras, o Coletivo Combahee River foi formado por mulheres negras e também por muitas lésbicas que se identificavam mais com o socialismo. Assim como Angela Davis, elas também acreditavam que gênero, sexualidade, raça e classe estavam conectados.

Nós existimos como mulheres negras que são feministas, estamos presas nesse momento, trabalhando independentemente porque ainda não existe um ambiente nesta sociedade solidário a nossa causa – porque, estando

15 Tradução da autora. Original: Black Women's Liberation Committee.

16 Tradução da autora. Original: Black Sisters United.

por baixo, nós temos que fazer o que ninguém mais fez: temos que lutar contra o mundo. (WALLACE *in* FREEDMAN, 2007. p. 328)¹⁷

O Feminismo continuou com força total nos anos que se seguiram. Novas discussões foram entrando em pauta como a questão da liberdade sexual feminina e auto conhecimento da anatomia da mulher, muito bem explicada pelo livro lançado em 1973 *Our bodies, Ourselves*. A obra foi escrita por mulheres que faziam parte do Livro coletivo da saúde da mulher de Boston¹⁸. Cada uma escolheu um tema importante na vida de uma mulher e começou a pesquisar mais a fundo para trazer maiores informações para as mulheres. Questões sobre o orgasmo feminino (muito debatido até os dias de hoje), gravidez, métodos anticoncepcionais e maternidade foram esclarecidos.

Aprendendo a entender, aceitar, e ser responsável por nós, fisicamente, nós nos tornamos livres de algumas dessas preocupações e podemos começar a usar as nossas energias inexploradas. Nossa imagem de nós mesmas de uma forma mais firme, nós podemos ser melhores amigas e amantes, melhores pessoas, mais confiantes, com maior autonomia, mais fortes e mais completas. (BOSTON WOMEN'S HEALTH BOOK COLLECTIVE *in* FREEDMAN, 2007. p. 298 e 299)¹⁹

A segunda onda feminista nos EUA durou até o final da década de 80. O final desse momento se confunde um pouco com a eclosão da terceira onda feminista, que teve início já no começo da década de 90, em um contexto de mundo digital e da internet como principal disseminador de informação. O principal combustível para chamarmos esse período de Terceira Onda Feminista foi o caso do julgamento de Anita Hill e Clarence Thomas. Ela era uma advogada afro-americana e foi testemunhar por ter sofrido assédio sexual por parte do também afro-americano Clarence Thomas. Hill foi desacreditada no tribunal por uma maioria masculina de legisladores. Este foi o estopim para que a estudante universitária Rebecca Walker começasse a tentar recrutar jovens mulheres para juntas, criarem um novo movimento, muitos chamavam de pós-feminismo, mas ela rejeitou o termo, chamado- o de Terceira Onda Feminista.

17 Tradução da autora. Original: We existe as women who are black who are feminists, each stranded for the moment, working independently because there is not yet an environment in this society remotely congenial to our struggle- because, being on the bottom, we would have to do what no one else has done: we would have to fight the world.

18 Tradução da autora. Original: Boston Women's Health Book Collective.

19 Tradução da autora. Original: Learning to understand, accept, and be responsible for our physical selves, we are freed of some of these preoccupations and can start to use our untapped energies. Our image of ourselves is on a firmer base, we can be better friends and better lovers, better people, more self-confident, more autonomous, stronger, and more whole.

Eu já posso decidir, como a minha mãe decidiu antes de mim, de dedicar o quanto de energia eu quiser para a história, saúde e cura das mulheres. Cada uma das minhas escolhas tem que ser respaldada pelo meus padrões femininos de justiça.(...) Eu não sou uma pós-feminista. Eu sou a Terceira Onda. (WALKER *in* FREEDMAN, 2007. p. 400 e 401)²⁰

Muitas das reivindicações deste terceiro momento são as mesmas das feministas dos anos 60 e 70. É um fato de que nenhuma conquista é permanente, principalmente quando se fala de uma minoria, no caso, as mulheres. Portanto, por mais que elas tenham conseguido atrair atenção mundial para a sua causa, muitos direitos nunca foram conseguidos concretamente e até os dias de hoje podemos ver mulheres lutando pelas mesmas causas.

2.3 Terceira onda feminista e o momento atual

O Feminismo não é um movimento estático, ele está sempre mudando e se adaptando a novos desafios que vão surgindo para a vida da mulher. É correto afirmar que muito já foi feito, muitos direitos já foram conseguidos. Ainda que a terceira onda feminista tenha começado na década de 90, consideramos que ela está ativa até os dias atuais, talvez com um nome diferente como por exemplo, pós-feminismo. Isto ocorre porque a mulher já tomou consciência de que a nossa sociedade não pode mais tolerar nenhum tipo de preconceito de gênero, então, pode-se afirmar de que esse é um movimento contínuo. Talvez não seja tão intenso quanto foi nas décadas de 60 e 70, mas continua vindo à tona em escala mundial, em regiões do globo que as mulheres nem sabem o que é feminismo e o que os direitos da mulher significam.

Também na década de 90, especificamente em 1995 em Pequim, foi realizada a Quarta conferência internacional da mulher²¹ pela ONU. Diversas temas foram tratados, como por exemplo o preconceito sofrido pelas lésbicas e a não inclusão de suas questões nos debates feministas; direitos sexuais e reprodutivos das mulheres; entre outros.

Durante a terceira onda, a questão de representatividade feminina na política também foi bastante abordado. Em 1998, algumas feministas francesas introduziram o termo paridade para expressar a insatisfação com o baixíssimo número de mulheres em cargos públicos. Elas partiam do pressuposto que se mais da metade da população francesa

20 Tradução da autora. Original: I am ready to decide, as my mother decided before me, to devote much of my energy to the history, health, and healing of women. Each of my choices will have to hold to my feminist standard of justice. (...) I am not a postfeminism feminist. I am the Third Wave.

21 Tradução da autora. Original: Fourth World Conference on Women.

era mulher, portanto, compunham a maioria do eleitorado, então elas deveriam ter uma candidata mulher para votar e para representá-las na elaboração e fiscalização de leis que beneficiariam a população feminina. Em outras palavras, ter representatividade. Após este fato, a França criou um requisito para que os partidos políticos recebessem fundos estatais. Todos deveriam ter um número mínimo definido de mulheres em cargos legislativos, se não tivessem, não ganhariam os fundos. Alguns outros países seguiram o mesmo exemplo, como a Argentina, Alemanha, Índia, Israel, Suécia, Tanzânia e Venezuela.

Até hoje nos deparamos com este tipo de impasse, como o que aconteceu no Brasil após o impeachment da ex presidenta Dilma Rousseff. Seu vice Michel Temer assumiu a presidência e ao nomear os seus ministros, não havia nenhuma mulher. Este assunto gerou muito debate em torno de representatividade feminina no Congresso. Quase 20 anos depois, continua sendo um assunto atual.

Outra questão levantada na década de 90 e que continua muito em voga no movimento feminista é o engajamento masculino na discussão de problemas de gênero. Homens ainda são criados para dominarem as mulheres, e isso acaba resultando em violência doméstica, estupros e outros tipos de assédio. Eles são criados para se sentirem donos das mulheres e é somente por conta deles que questões como as citadas acima existem.

Homens tem tido pouquíssimo interesse em responder aos desafios que as mulheres tem suscitado ao longo dos anos. Mais do que nunca, questões de gênero demandam participação masculina, até porque, homens precisam mudar para perceber uma mudança. (GOKOVA *in* FREEDMAN, 2007. p. 421)²²

Ainda sobre o papel do homem neste processo, é importante falar também sobre a Marcha das Vadias. Este foi um movimento que começou em Toronto, no Canadá, em abril de 2011. Tudo teve início quando o policial Michael Sanguinetti, em uma explanação na Universidade de Toronto, falou que as mulheres tinham que parar de se vestir como vadias para evitar crimes de violência sexual. Como se os homens não fossem os únicos culpados por crimes dessa natureza. Depois disso, diversas pessoas foram às ruas em protesto contra a culpabilização da vítima em casos como este. O argumento principal é a de que não importa o que a mulher está vestindo ou como ela se comporta, nada justifica um estupro.

22 Tradução da autora. Original: Moreover, men have taken little, if any, interest in responding to the challenges women have been raising over the years. Nevertheless, gender issues demand men's participation since men need to change to realize overall change.

Dentre as outras diversas questões abordadas desde o ano 2000 para cá, temos também: A polêmica de que uma mulher pode escolher não ter filhos e deve ser livre para o fazer sem julgamentos; o direito de mulheres pobres e lésbicas de terem filhos; erradicar a violência doméstica; pensar em modos de planejamento familiar também para homens, como por exemplo métodos anticoncepcionais masculinos; aumentar o poder das lésbicas e bissexuais no feminismo; equidade no acesso a saúde pública, tendo em mente que a mulher necessita de mais cuidados já que tem capacidade gestante; prestar atenção nas nossas adolescentes que cada vez mais sofrem *bullying* pelo chamado *slutshaming*²³ e *revenge porn*²⁴, e algumas outras questões.

É importante frisar o papel da internet e das redes sociais neste processo de repensar os problemas da mulher na sociedade. Nós últimos anos, tivemos vários exemplos de como as redes sociais podem assumir um papel benéfico e maléfico neste processo. O *slutshaming* e o *revenge porn*, por exemplo, são praticados através de aplicativos e redes sociais, resultando muitas vezes em suicídio da vítima.

Mas também estas novas ferramentas de comunicação podem ajudar a divulgar campanhas contra violência sexual. No Brasil, temos como exemplo a campanha #MeuAmigoSecreto, realizado pela ONG que luta pelos direitos da mulher, o Think Olga.

A campanha foi feita para incentivar as mulheres a denunciarem, em suas plataformas sociais, casos de machismo que já sofreram, sem citar nomes. Isso fez com que as mulheres criassem identificação com outras por sofrerem os mesmos abusos diários.

Ainda há muito o que evoluir no campo do feminismo, mas temos uma certeza, a de que a sociedade já avançou muito. Nenhuma conquista feminista foi dada facilmente para as mulheres, todas foram sempre com muita luta e é assim que o movimento deve seguir. Sempre lutando em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Toda a história da libertação das mulheres nos mostra que vida, liberdade, igualdade e oportunidade nunca foram dadas. Elas sempre foram tomadas. Nós não podemos manter a ilusão que outras pessoas vão fazer o trabalho e estabelecer igualdade com os homens. (BRUNDTLAND in FREEDMAN, 2007. p. 410)²⁵

23 Slutshaming – É uma modalidade do bullying somado ao machismo. Quando mulheres são ridicularizadas e humilhadas por conta de sua vida sexual ou amorosa.

24 Revenge Porn – Pornografia de vingança. Quando alguém divulga na internet fotos ou vídeos íntimos da outra pessoa como forma de retaliação, de vingança. Acontece em sua maioria com mulheres, vítimas de ex-amantes, ex-namorados ou até ex-maridos.

25 Tradução da autora. Original: All history of liberation struggles tells us that life, freedom, equality and opportunity have never been given. They have always been taken. We cannot maintain the illusion, that someone else is going to do the job and establish equality with men.

3 BEYONCÉ KNOWLES: UMA DAS MAIORES DIVAS DA MÚSICA POP CONTEMPORÂNEA

O terceiro capítulo dedica-se a explicar quem é a cantora norte americana Beyoncé Knowles e de onde vem todo o sucesso que a alçou ao status de uma das maiores cantoras de Pop de todos os tempos. Além do mais, é imprescindível analisar o porquê de Beyoncé ser considerada um ícone feminista na mídia, e do papel ativo que assume não só na promoção dos direitos da mulher, como também em uma nuance um pouco mais específica, o chamado feminismo negro, movimento que a cantora também abraçou nos últimos anos. Entender também um pouco mais da história da cantora para depois estudarmos o polêmico e criticado feminismo encontrado em sua obra.

3.1 História

Beyoncé Giselle Knowles nasceu no dia 4 de setembro de 1981 na cidade de Houston, Texas, nos Estados Unidos. 5 anos depois, o casal Mathew e Celéstine “Tina” Beyoncé Knowles tiveram a segunda e última filha, Solange Knowles.

Desde criança, Beyoncé mostrava-se muito empolgada ao cantar e dançar pela casa. Em 1990, aos 9 anos, a jovem de Houston conheceu LaTavia Roberson em um grande evento anual de músicos que acontecia na cidade. Depois, as duas conheceram Andretta Tillman, que pediu para que as duas fizessem testes para um grupo que ela estava montando, o Girl's Tyme.

Em 1995, quando Beyoncé tinha 14 anos, o Girl's Tyme assinou o seu primeiro contrato – com a Elektra Records. Foi então que elas decidiram mudar o nome do grupo, achavam o nome muito infantil. Mathew e Tina vieram com a sugestão de Destiny's Child e todos gostaram do nome. Alguns meses depois, as meninas foram procuradas pela Columbia Records para gravarem uma fita e assim, foram contratadas pela famosa gravadora.

No ano 2000, o Destiny's Child, que na época era formado por Beyoncé, Kelly Rowland e Michelle Williams se consolidou e elas alcançaram fama mundial. Elas emplacaram diversos sucessos e conseguiram até gravar a música tema para o filme As Panteras, uma canção chamada Independent Woman – Part I. O grupo conseguiu emplacar vários outros sucessos, como por exemplo, Survivor, Bootylicious e Emotions.

O Destiny's Child havia se tornando o grupo musical feminino de maior sucesso no mundo. Elas alcançaram diversos primeiros lugares em paradas dos Estados Unidos da América e em paradas internacionais.

Alguns anos depois, dentre problemas e polêmicas, as três decidiram dar um tempo com o grupo, um descanso dos holofotes e da exposição que elas tinham. Elas afirmaram ainda que aquele tempo seria bom para que elas pudessem trabalhar em projetos solos e depois, retornar com o Destiny's Child.

Beyoncé já estava trabalhando com projetos individuais. E foi no período de separação do Destiny's Child que ela começou um romance com o atual marido, o *rapper* norte americano Jay-Z. Além do relacionamento afetivo, os dois começaram algumas parcerias de trabalho. Dentre elas, a música Crazy In Love, lançada em 2003, no primeiro álbum solo de Beyoncé, chamado de Dangerously In Love. A faixa é considerada a consolidação da carreira da cantora como artista solo.

O segundo álbum solo foi lançado mundialmente no dia 4 de setembro de 2006, dia em que a cantora completaria 25 anos. B'Day era sobre o processo de empoderamento²⁶ para as mulheres. A própria Beyoncé caracterizou este novo trabalho como um álbum diferente de tudo o que ela já tinha feito, em uma fase mais madura da vida, em que ela já tinha total poder sobre si mesma. A música de abertura do álbum foi chamada de Déjà Vu, e foi feita em parceria com Jay-Z. O videoclipe da canção mostra Beyoncé dançando para o então namorado, com elementos selvagens e que remetem ao sexo.. Ali, ela já aparece bem diferente da jovem cristã que começou no Destiny's Child. Muito mais amadurecida, mais mulher.

E finalmente no dia 14 de abril de 2008, depois de cerca de sete anos namorando, Beyoncé e Jay-Z se casaram. Em junho de 2008 foi outro momento marcante para o casal já que Jay-Z se apresentou no famoso e tradicional festival de música “branca” Glastonbury, no Reino Unido. O cantor trouxe o *hip hop* para o evento e foi um completo sucesso, enquanto isso, Beyoncé esteve ao seu lado em todos os momentos.

O terceiro álbum solo da cantora foi chamado de I am...Sasha Fierce e foi lançado no final de 2008. Ela decidiu dividi-lo em duas partes: A primeira, I am... mostra a verdadeira Beyoncé debaixo do furacão que ela é no palco; já a segunda, I am...Sasha Fierce é uma espécie de quebra com tudo que ela já tinha feito anteriormente, ela queria

26 Do inglês empowerment. Termo muitas vezes usado para explicar o processo de empoderamento feminino. Dar poder às mulheres em um contexto de movimento feminista e de combate ao machismo.

mostrar o seu alter-ego. Sasha Fierce era considerada a mulher fatal, a que enlouquecia multidões no palco, se vestia de maneira provocante. Completamente diferente da tímida e reservada Beyoncé Knowles. Os maiores sucessos deste álbum foram as canções If I Were A Boy, Halo, Single Ladies, Diva e Sweet Dreams.

A carreira solo de Beyoncé continuava muito bem e é correto afirmar que 2011 foi um dos momentos mais marcantes para a cantora. Ela estava com uma visibilidade mundial jamais vista antes. A primeira grande notícia do ano foi a de que ela iria se apresentar no festival de Glastonbury, no Reino Unido. Beyoncé foi escalada para fechar o evento, algo inédito para uma cantora negra. Outro momento importantíssimo para Beyoncé no ano de 2011 veio através da música Run The World (Girls), lançada no dia 21 de abril. Alguns meses depois, foi a vez do quarto álbum solo da cantora, ao qual ela decidiu chamar de 4, por ser o seu número da sorte. Alguns dos sucessos que estão neste álbum são Best Thing I Never Had, Love On Top e Countdown.

Em 2011 também veio um dos momentos mais importantes na vida da cantora. Em uma performance memorável da canção Love On Top no MTV Video Music Awards 2011²⁷, ela anunciou para todo o mundo que estava esperando o primeiro filho. Anos mais tarde, a cantora revelaria que também em 2011, alguns meses antes da gravidez, ela sofreu um aborto espontâneo. O nome escolhido para a filha de Beyoncé e Jay-Z foi o de Blue Ivy Carter, e ela nasceu no dia 7 de janeiro de 2012, em Nova Iorque, cidade natal do pai.

Nesta fase da carreira, Beyoncé já havia feito duas turnês mundiais e foi então que ela anunciou que iria começar a terceira, que se chamaria The Mrs. Carter Show World Tour, com início no dia 15 de abril de 2013 e fim no dia 27 de março de 2014.

O final de 2013 certamente trouxe muitas surpresas para os fãs da cantora. Sem nenhum anúncio ou propaganda, Beyoncé lançou o seu quinto álbum. Beyoncé foi o título dado ao disco lançado na madrugada do dia 13 de dezembro de 2013. A cantora se referia ao álbum como uma experiência visual, e o mais surpreendente é que todas as 17 canções contidas no disco já tinham videoclipes gravados. Tudo foi feito durante a sua turnê mundial, e o mais impressionante é que ela conseguiu esconder tudo da imprensa. A plataforma musical escolhida para o lançamento foi o iTunes²⁸ e todo o material foi

27 Premiação anual dos melhores videoclipes realizada pelo canal norte-americano de música e entretenimento MTV.

28 Reprodutor musical criado pela Apple, onde é possível comprar faixas e criar playlists.

disponibilizado por tal reprodutor. Os maiores sucessos são Drunk In Love (gravada com o marido Jay-Z), XO e Flawless.

Neste novo álbum, a cantora se mostrou extremamente madura e sensual, não só nas composições, mas também nos videoclipes. Beyoncé estava falando sobre seu corpo – mesmo após a gravidez - e também sobre a sua sexualidade sem nenhum tabu. Além disso, ela lançou uma pequena série de mini documentários em sua página no youtube²⁹ explicando toda a parte conceitual e estética que ela se inspirou para o lançamento deste novo disco. Tudo detalhadamente explicado a partir de suas referências pessoais e do caráter feminista que esta obra acabou tomando. Beyoncé foi sucesso total de crítica, tanto as músicas e os videoclipes, quanto os conceitos utilizados e as bandeiras de movimentos sociais que foram levantadas, mesmo que implicitamente, em suas composições.

Em 2014, Beyoncé foi a grande homenageada do MTV Video Music Awards, prêmio que já foi dedicado a artistas como os Beatles, The Rolling Stones e Madonna. Na ocasião, ela fez uma performance histórica de cerca de 15 minutos. O marido Jay-Z e a filha Blue Ivy foram ao palco para prestigiá-la. Muitos poderiam acreditar que aquele era o ápice da carreira de Beyoncé, mas poucos contavam com o sexto álbum da cantora. Lemonade foi lançado em fevereiro deste ano e mais uma vez, a cantora conseguiu chocar com o conteúdo deste novo trabalho. A crítica racial foi predominante na principal faixa do álbum, inclusive no videoclipe da canção, denominada Formation. A cantora faz referências claras a situação de preconceito racial que os Estados Unidos vivem atualmente. Em um primeiro momento, o videoclipe de Formation foi retirado do youtube acusado de conter mensagens que inspirem a violência e que façam menções implícitas contra a polícia dos EUA. Além da crítica racial, Lemonade também contém muitas composições cujo tema central é infidelidade. O sexto álbum conta com 12 canções e alguns meses depois ela lançou um documentário de cerca de uma hora intitulado Lemonade também. O filme foi transmitido pelo canal americano HBO em abril deste ano.

Após o lançamento do sexto álbum, Beyoncé se apresentou no intervalo de um dos maiores eventos dos Estados Unidos, o Superbowl³⁰ e cantou a faixa Formation. Além de muita polêmica, a apresentação teve um sentido todo especial já que foram feitas menções

29 Principal plataforma online para a hospedagem de vídeos.

30 É o nome dado a final do campeonato de futebol americano dos Estados Unidos. É considerado o maior evento esportivo do país.

claras ao movimento Pantera Negra³¹. Após a performance, Beyoncé anunciou o começo de outra turnê mundial, denominada The Formation Tour, que teve início em fevereiro e teve fim em outubro deste ano.

Hoje em dia, a cantora é considerada uma das maiores artistas musicais de todos os tempos. Ela colecionou prêmios de todos os tipos durante os seus quase 20 anos de carreira. Beyoncé ganhou 20 Grammy Awards³², sendo nominada 52 vezes. Ela também venceu 24 prêmios no MTV Video Music Awards, se tornando a recordista de vitórias neste quesito. Ganhou também 24 BET Awards³³, outra vez recordista nesta categoria de prêmios. Além de que, ela é considerada um verdadeiro fenômeno de vendas, com números expressivos de vendas mundialmente, com cerca de 16 milhões de discos nos EUA e 100 milhões de discos no mundo.

Enfim, ao longo de tantos anos de carreira, Beyoncé Knowles ganhou reconhecimento mundial não só por suas composições e performances, mas também pelo impacto e legado que a música dela trouxe para a vida de milhares de pessoas.

3.2 Feminismo na Obra de Beyoncé

As composições com mensagens feministas sempre estiveram presentes na obra de Beyoncé, mesmo que na época o feminismo nem estivesse tão em voga quanto atualmente. Desde a década de 90, quando estava na banda Destiny Child's, Beyoncé Knowles já mostrava tal faceta em suas composições. As músicas Survivor, Independent Woman e Bootylicious já mostravam que a cantora seguiria por essa linha.

Survivor mostra a história de uma mulher que, logo após o término de um relacionamento abusivo, consegue dar a volta por cima e se vê muito mais feliz e realizada após o fim da relação. Independent Woman, canção que foi tema do filme As Panteras, fala da questão da independência feminina no mercado de trabalho e de como uma mulher pode ser auto-suficiente. Por último, Bootylicious é um termo que ficou conhecido nos Estados Unidos pela junção das palavras *Booty* e *Delicious*. *Booty* é uma palavra do inglês que significa uma mulher curvilínea, expressão muitas vezes associada ao sobrepeso e *delicious*

31 Importante movimento de resistência racial da década de 60 nos Estados Unidos. Uma das figuras mais conhecidas do movimento foi Marcom X e eles utilizavam técnicas violentas de protesto.

32 Grammy Awards é mundialmente conhecido como sendo o mais importante prêmio da indústria musical.

33 BET Awards foi criado pelo Black Entertainment Television, dos Estados Unidos, dedicado inteiramente para premiar pessoas negras ligadas ao entretenimento.

significa delicioso em inglês. Beyoncé fez a junção das palavras para valorizar diferentes tipos de beleza que fogem dos padrões impostos pela sociedade, ou seja, o culto ao corpo magro e esbelto tão valorizado no mundo. E a canção mostra como um corpo curvilíneo e fora dos padrões pode ser bonito e desejado. É importante frisar também que a cantora se envolvia em todas as partes de seu trabalho – desde as composições, até produções de melodias e videoclipes, e isso só foi se intensificando ao longo dos anos.

Quando Beyoncé começou a carreira solo, o feminismo e a proposta de empoderamento da mulher já estava bastante enraizado em sua imagem. Então ela continuou na mesma linha, e a cada álbum lançado, ela se mostrava mais engajada com a causa feminista e mais recentemente, com o ativismo negro (e o feminismo negro também).

Em 2006, Beyoncé Knowles lançou o álbum chamado *B'day*. Duas das canções que mais chamaram a atenção por seu conteúdo foram *Irreplaceable* e *Listen*. As duas tinham elementos em comum – falavam de mulheres que sofriam relacionamentos abusivos e que enfim, conseguiram juntar coragem para mudar as coisas.

Irreplaceable tem versos como “Baby, eu não vou derramar uma lágrima por você, não vou perder um momento de sono. Porque a realidade é que substituir você foi muito fácil”³⁴. Durante a canção, o eu-lírico passa também por traições e então decide dar um basta na situação, chegando à conclusão de que ninguém é insubstituível.

Já *Listen* fala sobre uma mulher que sofreu anos por não ter voz dentro do seu relacionamento, sofrendo com a submissão pregada pelo machismo. Até que ela decide soltar a voz e seguir o próprio caminho sem ter que fazer o que lhe mandam. A música foi tema também do filme *DreamGirls – Em Busca De Um Sonho* em que Beyoncé atuou como uma das protagonistas. Alguns versos que mostram essa quebra com o tradicional machismo que estabelece uma relação de dependência da mulher com o homem contidas nesta canção podem ser vistas em.

Oh, e agora eu estou farta de acreditar em você. Você não sabe o que eu estou sentindo, eu sou mais do que você fez de mim. Eu segui a voz que você me deu, mas agora eu preciso encontrar a minha própria voz. (...) A hora chegou para os meus sonhos serem ouvidos, eles não serão deixados de lado e transformados nos seus sonhos, tudo porque você não quis me ouvir.³⁵

34 Tradução da autora. Original: *Baby I won't shed a tear for you / I won't lose a wink of sleep / Cause the truth of the matter is replacing you is so easy.*

35 Tradução da autora. Original: *Now I'm done believin' you/ You don't know what I'm feeling /'Im more than what, you made of me/ I followed the voice you gave to me/ But now I've gotta find, my own/(...) the time has*

Outra canção que ficou bastante conhecida e que mostra um pouco da visão de Beyoncé sobre o machismo na nossa sociedade é *If I Were A Boy*, do álbum *I am...Sasha Fierce*, de 2008. O próprio nome da música – Se eu fosse um homem – já denota a diferença de tratamentos que mulheres e homens recebem na sociedade, e é claro, como mulheres sofrem preconceitos por fazerem coisas que os homens fazem normalmente. A música é considerada uma crítica aos benefícios que o homem tem na sociedade. Por meio da ironia, a cantora enumera diversas atitudes que ao mesmo tempo que são consideradas normais para homens na nossa sociedade, são impróprias para as mulheres. Alguns dos versos que mais denotam tais atitudes podem ser observados em:

Se eu fosse um homem, eu iria desligar o meu celular, falar para todos que ele estava quebrado para que assim pensassem que eu estava dormindo sozinho. Eu me colocaria em primeiro lugar e faria as minhas próprias regras, porque eu sei que ela seria fiel e que me esperaria chegar em casa.³⁶

Outras canções deste disco também falam de questões feministas. Com temáticas ligadas ao empoderamento da mulher através de sua aceitação física e por consequência, a melhora na auto estima; e também falando do sucesso profissional e econômico que uma mulher pode alcançar na nossa sociedade. Podemos encontrar alguns exemplos na música *Diva*.

Já era claro perceber tendências feministas no trabalho de Beyoncé Knowles antes de 2011, mas foi só depois desse ano que a cantora realmente mostrou ao mundo que ela realmente se considerava uma feminista (ou pelo menos queria que as pessoas pensassem isso). E esse grito de independência e poder não só da artista, mas sim da mulher Beyoncé Knowles veio através do lançamento de *Run The World (Girls)*, música principal do disco chamado 4.

Como o título mesmo já diz, a música fala que o mundo vai ser dominado por mulheres. A composição conta com partes como:

Quem manda no mundo? Garotas! Eu estou representando as garotas que estão dominando o mundo. Me deixe fazer um brinde às graduadas. Essa

come for my dreams to be heard/ They will not be pushed aside and turned into your own/ All cause you won't listen..

36 Tradução da autora. Original: *If I were a boy/ I would turn off my phone/ Tell everyone its broken/ So they'd think that I was sleeping alone/ I'd put myself first/ And make the rules as I go/ Cause I know that she'd be faithful/ Waiting for me to come home.*

vai para todas as mulheres que estão vencendo e alcançando seus objetivos e também para todos os homens que respeitam o que eu faço. Por favor, aceitem meu brilho!³⁷

O videoclipe da música também foi bastante comentado já que Beyoncé aparece dançando com um exército de mulheres na frente de outro exército completamente masculino. Em outras partes do vídeo, ela está em cima de um carro pichado com a palavra Revolution, que significa revolução em inglês. Ou seja, todas essas referências visuais misturadas com a letra da canção claramente foram interpretadas como uma revolução feminina (mesmo que em outros trechos possam haver uma espécie de machismo velado). Tal apropriação do feminismo mundial aconteceu a partir de Run The World (Girls), e então o feminismo na música da cantora de Houston foi se tornando cada vez mais óbvio, ativo e contestado.

Em 2013, quando ela lançou o quinto álbum solo chamado Beyoncé, sem nenhum aviso prévio, ela mostrou que o feminismo em sua obra finalmente tinha florescido. Além das 17 faixas e seus respectivos videoclipes, a cantora produziu uma espécie de mini documentário para explicar o conceito estético do álbum baseado em diferentes valores que ela queria transmitir para os seus fãs - honestidade, liberação como ser sexual e imperfeições. A parte visual foi uma das grandes preocupações no projeto, e por isso ela quis lançar todos os videoclipes de uma só vez. Ela tinha imagens criadas na cabeça para cada música e queria que os fãs conseguissem experienciar exatamente o que ela sentiu e o que ela viu quando pensou em cada composição. As faixas mais feministas do álbum são Flawless e Pretty Hurts.

A intenção de Beyoncé foi a de mostrar que embora todas as mulheres busquem a perfeição, em qualquer sentido de suas vidas, nem sempre isso traz a felicidade. E o grande problema é que atualmente, essas perfeições buscadas estão intrincadas com padrões criados pela sociedade e que são extremamente excludentes com a maioria das mulheres. Seja na parte física, com padrões inalcançáveis de beleza, quanto na parte emocional, com certas regras de conduta para uma mulher ser bem vista na sociedade.

37 Tradução da autora. Original: *Who run the world? Girls!/(...) I'm reppin' for the girls who taken' over the world/ Let me raise a glass for the college grads/(...)This goes out to all the women/ Getting it in/ Get on your grind/ To all the men that respect what I do/ Please accept my shine.*

Pretty Hurts fala basicamente de um padrão de beleza e do quanto uma mulher tem que se esforçar para ser considerada bonita e bem aceita, e muitas vezes, isso pode gerar depressão e problemas psicológicos. No videoclipe, Beyoncé atua como uma candidata a um concurso de beleza que aparece extremamente infeliz com todas as exigências feitas para ser aceita como uma mulher bonita. Algumas das críticas mais emblemáticas podem ser observadas em:

Mamãe disse: você é uma menina linda. O que está na sua mente não importa. Penteie os seus cabelos, conserte os dentes, o que você veste é tudo o que importa (...) Perfeição é a doença da nossa nação, a beleza machuca. Tentamos evidenciar o nosso pior, tentamos consertar algo mas você não pode consertar o que não consegue ver, é a alma que precisa de cirurgia³⁸

Já a canção Flawless ficou mundialmente conhecida por conter uma parte do discurso We Should All Be Feminists³⁹ da escritora nigeriana Chimamanda Adichie no TED⁴⁰ em 2013.

Nós ensinamos as garotas que elas não podem ser seres sexuais da mesma forma que os garotos são. (...) Nós ensinamos as meninas a se retraírem, para diminuí-las. Nós dizemos para as garotas, você pode ter ambição, mas não muita. Você deve ser bem sucedida, mas não muito, caso contrário, você ameaçará o homem. (...) Feminista, a pessoa que acredita na igualdade social política e econômica dos sexos⁴¹

A cantora, inclusive, recebeu elogios sobre a inserção do trecho acima na canção. A filósofa e ativista estadunidense Angela Davis, já citada neste trabalho e que ficou famosa mundialmente por lutar contra a segregação racial e os direitos da mulher nos Estados

38 Tradução da autora. Original: *Mama said, you're a pretty girl/ What's in your head it doesn't matter/ Brush your hair, fix your teeth/ What you wear is all that matters/ (...)Perfection is the disease of a nation/ Pretty hurts/ We shine the light on whatever's worse/ Trying to fix something/ But you can't fix what you can't see/ It's the soul that needs the surgery.*

39 ADICHIE, C. We should all be feminists | Chimamanda Ngozi Adichie | TEDxEuston. TEDx Talks. 12 abril 2013. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc Acesso em 29 setembro 2016.

40 TED é uma ONG dedicada a difundir e discutir ideias, geralmente através de pequenos vídeos com especialistas em diversos assuntos. Eles organizam eventos para a difusão destes conteúdos em mais de 100 línguas e em vários países.

41 Tradução da autora. Original: *We teach girls that they cannot be a sexual being in the way boys are. (...) We teach girls to shrink themselves, to make themselves smaller. We say to girls, you can have ambition, but not too much. You should aim to be successful, but not too successful. Otherwise, you would threaten the man. (...) Feminist: a person who believes in the social, political and economical equality of the sexes.*

Unidos, deu uma entrevista⁴² em 2014 para o portal de notícias britânico East London Lines e elogiou o fato de Beyoncé dar toda essa visibilidade para Adichie.

Estou certa de que muitas mulheres jovens e, espero, homens jovens ou pessoas jovens que não necessariamente se identifiquem como homens ou mulheres se comoveram com isso, para, pelo menos, começar a pensar sobre o que pode significar o feminismo. Isto significa que eles podem ser conduzidos por uma jornada que lhes permitirá adotar uma noção mais ampla do que significa o feminismo, suas metodologias e suas abordagens com relação à militância e à pesquisa. Estou confiante de que ela tocou algumas pessoas com isso.⁴³

Além disso, o próprio nome da canção, Flawless, já significa sem falhas em inglês, ou seja, uma mulher que consegue ser “perfeita” mesmo com as suas imperfeições. Em outras partes da música, Beyoncé exprime também a ideia de que ela é muito mais do que a esposa de um homem. Ela, por si só, já consegue ser independente e reconhecida pela mulher que é. Em entrevista a revista Elle, Beyoncé falou sobre a escolha de inserir a palavra o trecho de Adichie em sua música.

Eu não coloquei a definição de feminista na minha música e na minha turnê para fazer propaganda ou para proclamar ao mundo que eu sou feminista, e sim para explicar o verdadeiro significado.⁴⁴

O último disco lançado de Beyoncé, Lemonade, foi em fevereiro deste ano. E a temática gira em torno de infidelidade, e também vem cheio de críticas raciais. O próprio título, que significa limonada, foi escolhido porque os escravos dos Estados Unidos acreditavam que suco de limão poderia clarear a pele, e por isso sempre passavam no corpo e bebiam também. Além disso, é possível perceber também a presença de elementos relacionados ao feminismo negro, causa que a cantora vem abordando com mais frequência nos últimos meses. Vale lembrar que a situação atual de racismo nos Estados Unidos contribuiu muito para que a cantora abordasse tal tema com tanta insistência no novo disco.

42 HARROLD, A; BLAIR, O. Angela Davis on racism, feminism and Beyoncé. EastLondonLines. 2 dez 2014. Disponível em <http://www.eastlondonlines.co.uk/2014/12/angela-davis-discusses-racism-beyonce-and-feminism/> Acesso no dia 5 de novembro de 2016.

43 Tradução da autora. Original: I'm certain that many young women and hopefully young men or young people who don't necessarily identify as men or women were moved by that to at least begin to think about what feminism might mean. It means they might be headed on a journey that will allow them to embrace a more capacious notion of what feminism means, feminist methodologies, feminist approaches to activism as well as to research. Hopefully she touched some people with it.

44 Tradução da autora. Original: I put the definition of feminist in my song ["Flawless"] and on my tour, not for propaganda or to proclaim to the world that I'm a feminist, but to give clarity to the true meaning.

O país já sofre com altos índices de violência policial, e contra a população negra, esses índices são ainda mais alarmantes. Com isso, desde 2013, a comunidade negra criou um movimento social chamado Black Lives Matter, em português “As vidas dos negros importam”. O estopim dos protestos ocorreu quando um segurança foi absolvido após matar covardemente Trayvon Martin, um jovem negro de 17 anos que estava caminhando desarmado no estado da Florida.

A faixa principal de *Lemonade*, *Formation*, fala sobre a violência da polícia contra a população negra e o racismo enraizado na sociedade norte americana. Inclusive a própria Beyoncé já foi vítima de racismo. Em 2014, uma jovem de Nova Iorque criou uma petição online pedindo para que a cantora penteasse os cabelos da filha, Blue Ivy, que usava os cabelos em um estilo *black power*. A resposta veio em um trecho da canção *Formation* – Eu gosto do cabelo da minha filha com cabelo de bebê e afro⁴⁵. Além de falar da questão racial, a canção tem ainda muitos elementos feministas, como por exemplo, em outro trecho em que ela assume uma posição de liderança em um relacionamento amoroso. O videoclipe também é bastante emblemático, já que Beyoncé aparece em cima de uma viatura policial afundando e o clipe foi gravado em cenários bem característicos onde os negros sofreram segregação racial no país, na parte sul escravocrata. Neste caso, mais especificamente em New Orleans, Louisiana. Além de *Formation*, *Freedom* é a outra música com temática racial bastante latente em *Lemonade*.

As outras canções giram em torno de supostas infidelidades do marido Jay-Z. Cada canção é como se fosse um capítulo da história de uma traição que passa pela intuição, negação, raiva, apatia, vazio, prestação de contas, reformulação, perdão, ressurreição, esperança e redenção. Durante a explicação de tais sentimentos, através das letras e dos videoclipes, Beyoncé levanta bastante o tema do feminino negro. Como podemos perceber na música *Don't Hurt Yourself*, em que ela inclui uma parte de um discurso feito por Malcolm X em 1962 falando sobre mulheres negras.

A pessoa mais desrespeitada nos Estados Unidos é a mulher negra. A pessoa mais desprotegida nos Estados Unidos é a mulher negra. A pessoa mais negligenciada nos Estados Unidos é a mulher negra. (Malcolm X, 1962)⁴⁶

45 Tradução da autora. Original: I like my baby hair with baby hair and afro.

46 Tradução da autora. Original: The most disrespected person in America is the black woman. The most unprotected person in America is the black woman. The most neglected person in America is the black woman. Discurso completo disponível em <http://genius.com/Malcolm-x-who-taught-you-to-hate-yourself-annotated> Acesso dia 5 novembro 2016.

O Feminismo negro também está presente em diversas imagens usadas em vários videoclipes. Muitas mulheres negras de diferentes alturas, pesos e idades estão sempre compondo a parte estética, carregando muito significado para o álbum, e isso fica bem visível no documentário intitulado Lemonade. Outro momento bem impactante em seus videoclipes ocorre na canção Forward. Beyoncé usa diversas imagens de mães de jovens negros vítimas da violência policial nos Estados Unidos. Essas mães aparecem segurando fotografias dos filhos mortos.

Ainda falando sobre feminismo negro, em Daddy Lessons, Beyoncé aborda a turbulenta relação que ela tem com o pai, Matthew Knowles, que já foi acusado de violência doméstica contra a mãe da cantora, Tina Knowles, e que sempre foi extremamente exigente com Beyoncé quando ela era apenas uma menina. Na letra da música, ela também fala de uma típica família afro-americana e como se dá a relação dos maridos e pais com as suas mulheres e suas filhas nesta conjuntura. Como por exemplo, conviver com a probabilidade do marido ou pai sair para trabalhar normalmente e ser morto muitas vezes somente pelo racismo tão enraizado na sociedade norte-americana. Ela ironiza também a submissão a que a mãe sempre teve que lidar no casamento, e questiona se isso é uma regra e se isso poderia acontecer com ela e com suas filhas.

O momento atual é o que ela está mais amadurecida em relação as causas que ela abraçou, como o feminismo negro. Somente o fato de uma das maiores cantoras da atualidade falarem abertamente sobre questões tão polêmicas já é uma grande vitória na causa feminista e também na causa negra. Ao mesmo tempo, não podemos ser ingênuos ao pensar que ela faz isso simplesmente por ideologia, até porque tem muita coisa envolvida quando falamos de indústria da música.

3.3 Discurso feminista na imagem de Beyoncé

Durante a análise dos elementos feministas na obra de Beyoncé, ficou claro que a cantora está sempre utilizando recursos visuais para embasar as suas opiniões políticas e sociais. Mas ela vai muito mais além quando começa a usar a sua própria imagem em prol de causas que ela diz acreditar. Não se trata apenas de suas canções, seus discos e seus videoclipes, mas sim a postura que a cantora assume em seus shows, em sua vida pública e vida privada.

Como já foi dito anteriormente, quando Beyoncé sobe ao palco ela se transforma em outra mulher. Ela se transforma em seu alter-ego, chamado de Sasha Fierce. E então aquela mulher consegue deixar para trás todas as inseguranças e vulnerabilidades que estão presentes em Beyoncé, coisa que acontece na vida de qualquer ser feminino. Isso contribui cada vez mais para mostrar às meninas e às mulheres do mundo que uma mulher pode ter várias facetas e decidir mostrar isso quando lhes for mais conveniente. Além do mais, a atitude de mulher poderosa dançando, rebolando e cantando é um instrumento muito forte e um tanto quanto ambíguo quando falamos de empoderamento para toda a comunidade feminina. Isso porque no momento em que Beyoncé está em cima do palco, ela parece inatingível e ela transmite poder e energia. Com isso, a cantora faz com que as mulheres também se sintam poderosas e confortáveis consigo mesmas, e é claro, inatingíveis. Mas a dualidade em tal fato consiste também em uma crítica por reduzir a mulher a um corpo sexy e dançante, quando nós sabemos que mulheres são muito mais do que só isso.

Além de mostrar todo esse poder no palco, a cantora é conhecida por fazer apresentações memoráveis e ousadas quando se trata de defender as suas supostas causas. Como por exemplo em 2014 quando ela foi a homenageada do MTV Video Music Awards e então ela se apresentou por cerca de 15 minutos. Ao cantar a música *Flawless*, como já vimos anteriormente, ela utilizou partes do discurso feminista *We Should All Be Feminists* de Chimamanda Adichie em um telão. A palavra feminista apareceu em letras garrafais. Este evento é famoso no mundo inteiro, então, isso teve uma influência global para o movimento feminista. Outro momento chave foi quando Beyoncé se apresentou no intervalo do Super Bowl neste ano ao lado de Bruno Mars e do Coldplay. Ela estava vestida com um uniforme inspirado na roupa usada pelo Partido Pantera Negra, movimento dos anos 60 que lutava por igualdade racial e contra a violência policial contra cidadãos negros. Nesta mesma ocasião, a cantora e suas dançarinas formaram um X no gramado, em referência ao já tão citado em sua obra, *Malcolm X*. Nos últimos anos, as apresentações de Beyoncé em eventos de visibilidade mundial tem sido muito polêmicas, com mensagens claras contra a segregação racial e contra o machismo.

Outro recurso usado por Beyoncé é sempre atrelar a sua própria imagem com a de pessoas públicas que estão sempre ligadas a alguma causa social. Como por exemplo aconteceu quando ela inseriu os versos do discurso feminista de Chimamanda Adichie em uma de suas músicas, ou quando ela colocou versos de *Malcolm X* em outra composição.

Ou então quando a cantora insere imagens de mães de jovens negros vítimas da polícia em um de seus videoclipes.

Além de utilizar a imagens em prol de causas sociais, ela também tem participado da vida política dos Estados Unidos. Desde a eleição presidencial de 2008, Beyoncé já era uma defensora ferrenha da candidatura de Barack Obama, enfatizando sempre a importância de o país ter, enfim, um presidente negro. Agora o cenário se repetiu, Beyoncé divulgou em suas redes sociais o apoio a candidata derrotada Hillary Clinton na corrida presidencial contra Donald Trump. A cantora inclusive fez um discurso dizendo que chegou a hora do país ter uma mulher no poder, e destacou que ela quer que a filha cresça vendo que uma mulher pode sim, ser presidente dos Estados Unidos, e a importância disso para as conquistas feministas na sociedade norte- americana.

Além disso, Beyoncé está sempre envolvida com campanhas sociais em prol das mulheres. Chime For Change é uma campanha idealizada pela marca Gucci e que promove conscientização e arrecada fundos para meninas e mulheres de todo o mundo. O foco é educação, justiça social e saúde. Beyoncé é uma das co-fundadoras do projeto, inclusive ela já fez diversos shows beneficentes com a renda revertida para o projeto. Outra campanha que a cantora participa é o Ban Bossy, criada pela ONG LeanIn. O objetivo é encorajar lideranças femininas no mundo e banir a palavra bossy, mandona em inglês, que geralmente é usada para falar de meninas ou mulheres.

Além das campanhas, recentemente a cantora criou sua própria linha de vestuário feminino chamada de Ivy Park. Dentre os significados da marca estão o amor próprio para todas as mulheres e meninas. Em entrevista concedida à revista ELLE, Beyoncé mais uma vez falou da importância do feminismo para a sua marca.

É realmente a essência de celebrar cada mulher e os seus corpos enquanto sempre tentamos nos tornar melhores. Eu nomeei como Ivy Park porque é como se esse parque fosse um espaço comunal para todas as mulheres. Todos nós podemos ir lá e nos sentirmos bem vindas. É um lugar que creamos para nós mesmas. (...) Eu acho que todas nós temos aquele lugar aonde vamos quando precisamos lutar por algo, estabelecer nossas metas e cumprí-las. (KNOWLES, 2016)⁴⁷

47 Tradução da autora. Original: It's really the essence: to celebrate every woman and the body she's in while always striving to be better. I called it Ivy Park because a park is our commonality. We can all go there; we're all welcomed. It's anywhere we create for ourselves.. (...) I think we all have that place we go to when we need to fight through something, set our goals and accomplish them.

Com tantas referências feministas não só em sua música mas também em sua imagem pública, Beyoncé Knowles é considerada uma das mais atuantes formadoras de opinião quando o assunto gira em torno de feminismo e direitos da mulher. Aos poucos, ela está influenciando meninas e mulheres não só dos Estados Unidos, mas também do mundo inteiro. A partir do momento que uma de suas cantoras favoritas começa a falar de feminismo, e começa a lutar contra o machismo impregnado na nossa sociedade, todas nós nos sentimos no direito de lutar junto com ela, mesmo que as intenções dela não sejam totalmente genuínas com as causas sociais. É justamente nesse momento em que percebemos o poder que uma celebridade tem sobre uma cultura, e no caso específico de Beyoncé, como isso pode influenciar, positivamente ou negativamente, uma sociedade. Ao mesmo tempo também em que percebemos que por mais que uma celebridade tenha uma influência muito grande, tal processo é muito volátil porque todos os dias surgem novos artistas com a capacidade de se tornarem formadores de opinião.

4 ANÁLISE DO FEMINISMO EM BEYONCÉ KNOWLES

Neste capítulo iremos estudar mais a fundo o feminismo em Beyoncé e como o fato de a cantora abraçar causas sociais pode ajudá-la ou prejudicá-la do ponto de vista mercadológico. É importante pensar também o poder de influência de as celebridades neste processo e até onde são vistos como lideranças globais e modelos a serem seguidos. E enfim, problematizar o feminismo de Beyoncé, já que ela é vista por muitos como uma heróina pós-feminista, mas ao mesmo tempo, mostra uma série de contradições em sua obra e com isso, recebe diversas críticas de feministas por pregar a noção da mulher como objeto.

4.1 Marketing pessoal feminista?

Beyoncé Knowles é considerada uma celebridade em escala global. A sua música e o seu trabalho influenciam pessoas de todo o mundo. A partir do momento em que uma pessoa é tão visada, mundialmente falando, acaba por se tornar uma espécie de liderança global. E a música pop é detentora deste poder, a partir do momento em que os seus artistas começam a influenciar nações e gerações. É claro que por serem celebridades e figuras públicas, todos eles, inclusive Beyoncé, tem uma preocupação com a sua imagem perante a mídia e a repercussão que seus atos possam ter. Mas existe uma dimensão política que a música pop, representada pelos artistas e por suas imagens, passa a ter na sociedade.

Mas acho que tem uma outra dimensão do pop que é a dimensão política, que ganha tudo, se esses artistas passam a sublinhar certas questões. Porque eles na verdade são pessoas que tem muita influencia sobre a sociedade, eles são grandes lideranças mundiais. (HERSCHMANN, 2016)⁴⁸

É claro que também não podemos esquecer de citar que a música pop atualmente é vista de forma pejorativa. Na visão de Micael Herschmann (2016), por mais que eles causem muita mobilização popular em torno da própria música, composições e de sua fama, o universo pop ainda é visto por muitas pessoas como uma espécie de lixo cultural globalizado. Ainda hoje, a música pop tende a ser pensada e analisada muito do ponto de vista comercial, ou seja, é um tipo de música feita, essencialmente, para a diversão e para vender discos. Não é vista como outros estilos musicais que serviram, ao longo de

48 Trecho concedido em entrevista que Micael Hershmann concedeu à autora. Íntegra da entrevista nos adendos.

gerações, para defender causas sociais ou então para difundir mensagens mais profundas da sociedade. Ou até talvez para sublinhar o momento político do país, como por exemplo aconteceu aqui no Brasil na época da ditadura, com a eclosão da Tropicália, movimento cultural que serviu para denunciar os abusos da ditadura.

O pop nunca teve tal pensamento sociopolítico, e por anos, a única preocupação foi somente com a questão comercial e em trazer um universo lúdico. É claro que, ao longo dos anos, algumas celebridades do pop se preocuparam em romper com essa ideia. A cantora Madonna foi uma dessas artistas. Ela scandalizou ao fazer o *Na Cama Com Madonna*, documentário no qual ela mostrava um pouco mais da vida pessoal. Neste trabalho, ela, branca, simulava que transava com os dançarinos, que eram quase todos negros. Em muitas das canções e vídeos de Madonna, ela trata a questão da mulher e eventualmente a questão do negro e a do gay.

E isso acontece muito no caso específico de Beyoncé também. Ela rompe com uma ideia institucionalizada, a partir do momento em que atrela a própria imagem a causas sociais em destaque, como o feminismo e a causa racial. Através disso, ela acaba transformando a sua música pop, que em um primeiro momento é vista como algo puramente lúdico, em crítica social e em algo valorizado pela nossa sociedade atual.

Outro fator de suma importância para este processo de construção de uma celebridade de massa é o fator carisma. De acordo com Eduardo Cintra Torres (2014), o carisma, combinado com uma exposição na *web*, é um dos maiores motivos para a criação de celebridades globais.

E enfim chegamos a uma espécie de impasse quando estudamos o caso de Beyoncé Knowles. Por mais que a cantora seja muito carismática, ela nunca foi adepta de divulgar a sua vida pessoal através da internet. As postagens de Beyoncé nas redes sociais geralmente acontecem para mostrar ela e a família em algum prêmio ou evento, para divulgação de turnês ou novas canções, ou então para disseminar alguma preocupação ou ideal social ou político. Como, por exemplo, quando ela fez um post em que expressava abertamente apoio a então candidata à presidência dos Estados Unidos, Hillary Clinton. Inclusive a cantora é conhecida no mundo dos famosos e da internet pela discrição com a vida privada. É considerada uma pessoa bem reservada.

A cantora parece usar outras estratégias que não a ideia de usar o carisma combinado com exposição nas redes sociais para atrair o público para o seu trabalho. Como ela mesma já disse em diversas oportunidades, todos os álbuns de Beyoncé são muito

personais, ela compõe e produz todas as canções, ela é quem tem a ideia de todos os vídeos (isso se intensificou em seus últimos dois discos Beyoncé e Lemonade). Ela pensa em absolutamente tudo que envolve a gravação dos cds, vídeos e os concertos, incluindo figurino, maquiagem, cabelo, cenário, coreografia e tudo necessário para um evento icônico. Com essa relação tão estreita com o próprio trabalho, Beyoncé acaba usando este fator a seu favor, a partir do momento em que usa o fascínio do ser humano por pessoas públicas para vender discos.

Sabendo que toda a sua obra é autoral e autêntica, ela acaba por instigar as pessoas a conhecerem o seu trabalho e através disso, saberem mais também da vida particular de Beyoncé. É o que podemos perceber em Lemonade. Basicamente, a cantora conta a história da traição de seu marido, Jay-Z, outra pessoa que atrai interesse público, e como eles superaram tais adversidades. Ao invés de se expor em redes sociais como o facebook, instagram e snapchat, ela se expõe em seus discos e consegue lucrar com a venda de suas histórias pessoais através da música.

Além disso, ela expõe situações cotidianas, como por exemplo uma traição, para o público. Então as pessoas começam a criar uma identificação também com o ser humano Beyoncé Knowles-Carter e esse é um fator primordial para que uma celebridade consiga se manter em uma posição estável de sucesso na indústria da música. Ao se identificar com a cantora, as pessoas começam a pensar “A Beyoncé foi traída. Se isso acontece com ela, pode acontecer com qualquer uma.”. E então a artista passa a ser vista também com um ser vulnerável e próximo a seus fãs, fortalecendo tal identidade já criada e fazendo com que a cantora se consolide como uma artista de sucesso.

A partir do momento em que ela cria e estabiliza tal identidade com os fãs, Beyoncé começa a chamar a atenção para causas sociais com as quais ela diz se identificar, como por exemplo o feminismo (mais especificamente feminismo negro) e a causa racial nos Estados Unidos.

Outra razão muito contundente para a popularização da cantora vem do momento atual que vivemos. Está um pouco na moda, principalmente entre jovens, ter e lutar por uma causa, seja ela LGBT ou feminista ou contra o racismo. Então no momento em que Beyoncé aparece com uma música lúdica, com mensagens sociais de impacto, é um tanto quanto sedutor para o público.

Por outro lado também, quer dizer, um discurso libertário minoritário é um lugar de mercado, a gente não pode ser ingênuo. Ser rebelde, defender

as minorias é, obviamente, construir um lugar de mercado especialmente pra um público jovem que se identifica com um discurso marcado pela rebeldia. Então tem essa ambiguidade, agora onde começa a dimensão comercial e onde começa a dimensão política é muito difícil precisar porque essas coisas estão misturadas e embaralhadas. (HERSCHMANN, 2016)⁴⁹

Chegamos até aqui em um cenário que o ativismo de Beyoncé é visto somente por uma ótica positiva, sendo um fator a mais para agregar sucesso à carreira da cantora e na imagem pessoal da artista. Até aqui, o feminismo de Beyoncé é um lugar de mercado e pode ajudá-la a se destacar.

Mas defender uma causa também pode ser extremamente maléfico para uma celebridade, e pode sim, ter um efeito negativo na imagem da cantora, principalmente no momento atual. Existe uma onda conservadora, principalmente nos Estados Unidos, que defende que a música pop deve ter uma finalidade puramente lúdica e que não deve interferir em questões sóciopolíticas. Um desses exemplos aconteceu quando Beyoncé foi duramente criticada⁵⁰ por sua performance da canção Formation no Super Bowl 2016. Como citado anteriormente, a música faz alusão ao movimento de libertação racial do Partido Pantera Negra e faz denúncias contra a violência policial contra negros. Com isso, fica claro dizer que por mais que defender causas sociais possa ser um fator de popularização e de criar um marketing pessoal em torno da figura pública da cantora, isso também pode ser muito maléfico para Beyoncé.

Tal visão conservadora é cada vez mais comum em um mundo que está muito mais polarizado quanto a questões políticas, e que tem o politicamente correto cada vez mais contestado. Mesmo com a polêmica, a cantora pareceu não se importar com as críticas e continuou a fazer apresentações com conteúdo social relacionado às causas que ela defende.

4.2 Beyoncé, pós- feminismo e raça

Beyoncé Knowles já declarou ser feminista para todo o mundo, nunca escondeu que

49 Trecho de entrevista que Micael Herschmann concedeu à autora. Íntegra nos adendos.

50 Show de Beyoncé no Super Bowl gera revolta entre conservadores. Revista Veja. 11 fevereiro 2016.

Disponível em <http://veja.abril.com.br/entretenimento/show-de-beyonce-no-super-bowl-gera-revolta-entre-conservadores/> Acesso no dia 12 de novembro 2016.

se envolve com a causa e principalmente com o feminismo negro. Para muitos, a cantora é uma espécie de diva do pop, muito por seu poder de influência. Cria-se uma imagem mítica em torno da artista, ela passa a ser quase uma heroína na luta por direitos iguais.

Tudo isso acontece no momento de surgimento da terceira onda feminista e do pós-feminismo, etapas que vieram na década de 90 suprir questões da mulher em um contexto completamente diverso. Com a popularização da internet e dos meios de comunicação, uma nova narrativa do papel da mulher passa a ser difundido. É a mulher de sucesso, que venceu a guerra dos sexos e hoje em dia já se considera forte perante a sociedade. É a partir desse momento que o feminismo passa a ser visto de forma positiva, não mais como algo a ser combatido na sociedade. Mas, ao mesmo tempo, criou-se uma imagem de que diversas mulheres conseguiram atingir os seus objetivos e ilusoriamente não tem mais causas e reivindicações para lutar.

Talvez o feminismo hoje possa não ser tão contestatório quanto já foi porque muitas de suas propostas já foram assimiladas na sociedade, e a mídia difunde histórias de sucesso de mulheres e do surgimento de ídolos feministas de massa para criar uma falsa ideia de que o feminismo não é mais necessário, de que as mulheres já lutaram e já conseguiram condições iguais as dos homens. O problema é que por mais que as mulheres já tenham conseguido muitas vitórias em busca da igualdade entre os sexos, cada vez mais sente-se um desconforto com questões que ainda não foram “conquistadas” pelo movimento feminista. Por exemplo, até agora para exercer funções similares, o salário dos homens ainda é maior ao das mulheres.

Existe uma necessidade, cada vez mais urgente, de tratar questões mais complexas do que as que já foram tratadas em todas as fases do feminismo. E é então que podemos perceber a eclosão do pós-feminismo.

O conceito de pós-feminismo é polissêmico e, entre outros aspectos, indica um momento em que as ideias feministas são repensadas, um período de balanço dos Estudos de Gênero e das pautas da mobilização feminista. Como argumenta Wendy Brown, a formação de cânones feministas, o contexto pós-colonial e o interesse da cultura pop pelo feminismo fizeram com que a reflexão sobre gênero se reposicionasse. Emergiram, pois, questionamentos da política feminista, da multiplicidade e da complexidade de reivindicações femininas. Relevante para as ciências sociais e celebrado pela mídia, o pós-feminismo é contraditório, múltiplo e revela a impossibilidade de existir uma agenda única para alcançar a justiça. O pós-feminismo é uma aura, uma atmosfera, uma sensibilidade, como ensina Rosalind Gill, construídas pelo jornalismo,

pela moda, pela música e também pelos discursos feministas. (LANA, 2016)⁵¹

É exatamente neste contexto que Beyoncé aparece mostrando que ela é uma mulher com uma narrativa de sucesso, e que mesmo com tal história de sucesso, ainda sofre com consequências de uma sociedade misógina e dominada pelo machismo. Isso porque ela ainda é duramente criticada por questões como por exemplo a noção da mulher como objeto que já foi muito difundida em suas obras.

Em toda a sua discografia, em suas músicas e em seus concertos, ela trata de questões mais complexas das que eram pregadas por feministas de outras gerações, talvez porque também muitas das reivindicações vão mudando ao longo do tempo. Portanto, segundo Lígia Lana, Beyoncé Knowles pode ser considerada uma espécie de heroína pós-feminista.

No caso da cantora, ainda existe outro fator de suma importância quando consideramos analisar a questão feminista que Beyoncé traz para a discussão, o fato de que ela é negra. Portanto, as análises tem que ser mais específicas e complexas, já que a partir de agora, é necessário repensar toda a estrutura do feminismo a partir da perspectiva da mulher negra.

Se formos analisar do ponto de vista histórico, é inegável dizer que a independência financeira e profissional tem um significado completamente diferente para uma mulher negra e para uma branca. Dada a situação de inferioridade da mulher negra na sociedade norte-americana, sua luta foi primeiro para igualar-se aos direitos da mulher branca para depois então buscar conquistar direitos compatíveis aos direitos dos homens. Portanto, o fato de Beyoncé ser uma das cantoras de maior sucesso no mundo carrega um significado muito importante para todas as mulheres negras.

Segundo a filósofa e ativista americana Angela Davis (2016), é impossível analisarmos as questões de gênero, sem antes levar em conta a estrutura da nossa sociedade capitalista que é muito baseada também entre distintas relações de classe e raça. Ou seja, antes de analisar o feminismo em Beyoncé Knowles, temos que refletir a relação disso com o fato de a cantora ser negra, e pensar no fator classe social também, já que ela veio de uma família negra com condições econômicas razoáveis.

51 Trecho de entrevista que Lígia Lana concedeu à autora. Íntegra nos adendos.

Como já dizia Malcolm X, a mulher negra é a pessoa mais negligenciada na sociedade norte-americana e não resta dúvida de que muito disso se deve à escravidão. Após a abolição nos Estados Unidos, no ano de 1863, os negros não foram inseridos na sociedade e as mulheres menos ainda. E por isso era muito comum que negras libertas trabalhassem como empregada doméstica, em um regime de cerca de 14 horas de trabalho diário e uma tarde de folga a cada duas semanas. Sem contar com os constantes abusos sexuais que sofriam por parte de seus patrões, herança de uma sociedade racista e machista que as consideravam como mulheres indignas e relacionadas ao sexo.

Desde o período da escravidão, a condição de vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas tem sustentado muitos dos mitos duradouros sobre a “imoralidade” das mulheres negras. Neste clássico “círculo vicioso”, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras que, por sua vez, são vistas como “ineptas” e “promíscuas” (...) Se as mulheres brancas nunca recorreram ao trabalho doméstico, a menos que tivessem certeza de não encontrar algo melhor, as mulheres negras estiveram aprisionadas a essas ocupações até o advento da Segunda Guerra Mundial. (DAVIS, 2016, p.100)

É interessante analisar também que, mesmo que mulheres brancas e negras compartilhassem o fato de serem mulheres em uma sociedade extremamente marcada pelo machismo e misoginia, nem sempre suas lutas foram as mesmas. Inclusive as feministas brancas de classe média relutaram bastante para reconhecer as condições de insalubridade de as trabalhadoras domésticas negras e para apoiarem a luta desta classe. De acordo com Davis (2016), o momento em que houve maior sororidade⁵² entre mulheres brancas e negras aconteceu quando o assunto era educação.

Era claro que tal questão também era muito problemática pois a educação sempre foi negada para a população negra. Mesmo brancos que pregassem que os negros também deveriam ter direito a uma educação sofriam violentas represálias. Foi então que diversas mulheres brancas de muita coragem começaram a desafiar o governo e a fundar escolas para negros em diversas cidades do Sul dos Estados Unidos.

Com a ajuda de suas aliadas brancas, as mulheres negras tiveram um papel indispensável na criação dessa nova fortaleza. A história da luta das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul. A união e solidariedade entre elas

⁵² Do latim *Soror*, que significa irmã. Um termo para designar irmandade feminina.

ratificaram e eternizaram uma das promessas mais férteis de nossa história. (DAVIS, 2016. p. 116)

Foi a partir do momento em que as mulheres negras começaram a estudar e a ter acesso à informação que elas começaram a se organizar em movimentos para clamar por reivindicações particulares da classe de que faziam parte. Por muitas décadas, mulheres negras sofreram mais preconceito do que todas as camadas da sociedade, seja no mercado de trabalho, ou na vida pessoal. O racismo ainda está muito arraigado na sociedade norte-americana e o machismo também, então são essas mulheres as que mais sofrem as consequências de problemas estruturais.

É por isso que mostrar uma trajetória tão bem sucedida como a da cantora é extremamente necessário no processo de empoderamento da mulher negra. Isso acontece a partir do momento em que uma artista vinda de Houston, Texas, Sul dos Estados Unidos, consegue ocupar um espaço comum de visibilidade na mídia e na internet com sua história de sucesso. É extremamente importante que negros e negras consigam ocupar tal espaço para conseguirem motivar e dar poder ao movimento negro. E no caso específico de Beyoncé, quando uma mulher negra faz isso, é um grito de alento para todo o mundo de que se ela conseguiu, outras mulheres negras também podem conseguir. Então a partir do momento em que uma pequena garotinha negra vê o rosto de Beyoncé nas revistas e televisões como uma mulher negra bem sucedida em todas as áreas da vida, inclusive profissionalmente, ela passa a acreditar que ela também é capaz daquilo. Com isso, todo o trabalho da cantora - as músicas pop com mensagens sociais, ou os concertos, ou as entrevistas e campanhas que ela participa – passam a ter um significado simbólico muito mais forte do que parece. Dessa forma, ela consegue influenciar pessoas a entenderem e conhecerem as suas causas sociais e a fazerem uma mudança positiva no mundo.

4.3 Quando o feminismo em Beyoncé se confunde com machismo

Não é segredo para ninguém que o universo pop das celebridades gera sempre muita polêmica em tudo que envolve não só as músicas e discos, mas também a vida pessoal de tais artistas. Mesmo tentando se manter reservada da imprensa, é claro que com Beyoncé isso não seria diferente, tudo que a envolve acaba gerando polêmica. Como já foi dito anteriormente, o fato de a cantora defender causas sociais acaba por gerar muitos elogios, mas também muitos questionamentos e críticas.

Por usar muito a imagem e fazer muitas coreografias provocantes, muitos acreditam que a cantora prega uma certa noção da mulher como objeto sexual. Não podemos deixar de citar, é claro, as diversas composições que falam sobre sexo. Enquanto alguns interpretam isso como um discurso empoderador da mulher, que passa a poder expressar a sexualidade da maneira que lhe convém, sem nenhum tabu, outros parecem discordar disso. Críticos do trabalho da cantora interpretam as canções de Beyoncé como instrumento de legitimação de um discurso de submissão da mulher perante o homem, e que isso vem através da submissão sexual. De acordo com Lígia Lana (2016), é impossível pensar a questão da objetificação feminina dissociada de fatores como raça e classe, corroborando perspectivas já apresentadas por Angela Davis.

As reflexões em torno de erotização da cultura, que dizem respeito à acusação da "objetificação", enfatizam, constantemente, a crítica ao sexo. A oposição entre mulher objeto e mulher ativa traz um debate infrutífero, uma vez que não correlaciona aspectos como classe social e etnia. A figura da "mulher objeto" não pode ser pensada de maneira isolada, mas analisada através da interseção de novos eixos de poder na mídia. (LANA, 2016)⁵³

O grande problema é que muitos consideram o feminismo de Beyoncé como um feminismo machista. Isso acontece a partir da problematização de certas composições da cantora, que se definiam como feministas. Um exemplo é a música Run The World (Girl). Ao mesmo tempo em que ela defende uma independência feminina, ela acaba por dizer que grande parte do poder que uma mulher tem é originada pelo sexo e que todas as mulheres tem que usar isso a seu favor, como no seguinte trecho “Minha persuasão pode construir uma nação. Poder infinito, com nosso amor podemos devorar. Você vai fazer qualquer coisa para mim.”. Em entrevista à revista Elle, a cantora falou que o feminismo não exclui a possibilidade de mostrar feminilidade em um sentido mais sexual.

Escolher ser uma feminista não tem nada a ver com a sua feminilidade – ou, neste sentido, com a sua masculinidade. Nós não somos apenas uma coisa. Todo mundo que acredita em direitos iguais para homens e mulheres não fala da mesma forma, ou veste as mesmas roupas, ou tem os mesmos pensamentos. Se um homem pode fazer algo, uma mulher também deve ter este direito. Se o seu filho pode fazer algo, então a sua filha também deve ter esse mesmo direito. Alguma das coisas que nós ensinamos às nossas filhas, permitindo que elas expressem emoções, dor e

53 Trecho de entrevista que Lígia Lana concedeu à autora. Íntegra nos adendos.

vulnerabilidade – nós temos que permitir e apoiar nossos homens e meninos a fazerem o mesmo. (KNOWLES, 2016)⁵⁴

Outro exemplo ocorre na canção *Single Ladies*, em que Beyoncé basicamente diz que se o seu namorado gostasse realmente de você então ele deveria ter colocado uma aliança no seu dedo, ou seja, lhe pedido em casamento. Contrariando a ideia básica feminista de que não são todas as mulheres que almejam casamento em suas vidas, e se é isso o que querem, o que as impede de tomarem a atitude e pedir o namorado em casamento?

Outra questão muita polêmica⁵⁵ no trabalho de Beyoncé veio através da canção *Drunk In Love*, em que ela fez uma parceria com o marido Jay-Z. Em uma parte em que o rapper canta, ele faz a seguinte referência “Em 97 eu mordo, sou Ike, Turner, aumente o som! Querida, não, eu não brinco, agora coma o bolo, Annie Mae; disse, Coma o bolo, Annie Mae!”. Ike Turner foi marido da cantora Tina Turner por muitos anos, na intimidade ele a chamava de Annie Mae. Durante muito tempo, Tina sofreu com violência doméstica por parte de Ike, que também era alçóolatra e esse episódio narrado no rap aconteceu quando a cantora não queria comer um pedaço de bolo, o marido então a forçou e a agrediu. Portanto a música faz referência a um caso sério de violência doméstica, uma questão que afeta a vida de milhares de mulheres ao redor do mundo. Mas infelizmente, nem a cantora e nem Jay-Z se manifestaram ou se explicaram sobre o ocorrido.

Outra vertente bastante questionada pelas feministas em Beyoncé Knowles é a sua vida pessoal e a maneira como ela parece se dedicar ao marido, quase que com uma adoração etérea. Em diversas ocasiões, a cantora já declarou seu amor incondicional por Jay-Z, enquanto vários boatos de infidelidade por parte dele já pipocaram na mídia. Ao falar abertamente da traição do rapper em *Lemonade*, mais uma vez a posição feminista de Beyoncé acaba por ser questionada – muitos acreditam que ela prega para seus fãs um tipo de empoderamento que talvez não se encaixe com perdoar um marido infiel que constantemente está envolvido em polêmicas de infidelidade.

⁵⁴ Tradução da autora. Original: Choosing to be a feminist has nothing to do with your femininity—or, for that matter, your masculinity. We're not all just one thing. Everyone who believes in equal rights for men and women doesn't speak the same, or dress the same, or think the same. If a man can do it, a woman should be able to. It's that simple. If your son can do it, your daughter should be able to. Some of the things that we teach our daughters—allowing them to express their emotions, their pain and vulnerability—we need to allow and support our men and boys to do as well.

⁵⁵ MOKOENA, T. Beyoncé's *Drunk In Love*: should we have a problem with it? *The Guardian*. 29 janeiro 2014. Disponível em <https://www.theguardian.com/music/musicblog/2014/jan/28/beyonce-drunk-in-love-problem-lyrics> Acesso no dia 8 de novembro 2016.

Isso somado ao fato de que a cantora escolheu ter uma vida tradicional no casamento, na maternidade e a situação em que ela resolveu adotar o sobrenome Carter, de Jay-Z e nomeou uma de suas turnês mundiais como The Mrs. Carter World Tour. Para muitos, aquela foi uma submissão feminina muito forte. Micael Herschmann (2016) acredita que essa questão não desqualifica o feminismo de Beyoncé.

Mas me parece que a Beyoncé é bastante livre, ela tem muitos problemas no casamento dela, ela vive brigando com o Jay-Z e etc. Então eu acho que é um certo erro achar que o feminismo quer dizer que a mulher tem que não aceitar construir um relacionamento e tal, mas isso não quer dizer que ela seja uma pessoa tradicional. Eu acho que a liberdade está exatamente em você escolher se você quer ficar com alguém, ou não quer ficar com alguém, ou quer ficar com várias pessoas. Ou ser heterossexual, estar em uma relação monogâmica, poli amor. Então eu acho que isso, digamos, eu entendo que haja uma cobrança das feministas, mas me parece que o feminismo mais de ponta já rompeu com vários estereótipos. Então eu não vejo uma incoerência por parte da Beyoncé, ela pode ter bandeiras ali dentro do feminismo que ela se dedica com mais rigor. (HERSCHMANN, 2016)⁵⁶

Segundo Suzanne Venker e Phyllis Schlafly, críticas de diversas ideias do movimento feminista, essa ideia de combate ao casamento veio do próprio feminismo e atualmente é um dos maiores motivos para uma espécie de falência da instituição matrimonial na sociedade norte americana.

No passado, os americanos viam o casamento como o início de suas vidas, não o fim. Casar e ter uma família era considerado algo bom, algo positivo, algo que animava as pessoas, e a sociedade apoiava esse objetivo. Daí chegou a revolução sexual e mudou tudo. As feministas disseram que os homens levaram a melhor no casamento, e que o casamento oprime as mulheres e as impede de alcançar o seu verdadeiro potencial. As feministas alcançaram seu objetivo ao garantir às mulheres que a biologia feminina não é diferente da biologia de um homem. Elas concordaram que homens e mulheres tem diferentes órgãos sexuais, mas alegaram que não há mais nada que separe os sexos. São os costumes, disseram as feministas, que fazem as mulheres pensarem que querem se casar e ter filhos. Se as americanas não fossem oprimidas, enxergariam que o que elas querem da vida é exatamente o que os homens querem. (VENKER e SCHLAFLY, 2011. p. 113)

Embora Suzanne e Phyllis pareçam um tanto quanto radicais em suas ideias contra o feminismo, realmente é fato que existe uma onda radical feminista que combate tudo o que é relacionado ao tradicional, no caso, uma instituição como o casamento.

56 Trecho de entrevista que Micael Herschmann concedeu à autora. Íntegra nos adendos.

Na minha opinião, o feminismo prega exatamente a ideia de que a mulher deve fazer o que mais lhe apetece. E é por isso que eu não condeno o fato de Beyoncé ter uma família tradicional, ter perdoado uma infidelidade e muitas vezes se mostrar submissa na relação conjugal que ela mantém com Jay-Z. Tudo é uma questão de escolher, o importante é sempre existir a liberdade de escolha e para finalizar, é claro que ser feminista não nos impede de almejar o casamento.

Em muitos momentos, o feminismo de Beyoncé Knowles pode sim parecer um tanto quanto dúbio e incoerente. Mas me parece também que tais críticas aconteceram há mais tempo, cerca de três anos atrás, quando a cantora ainda começava a se encontrar com ideias feministas, então toda a sua obra parecia um tanto quanto ingênua ao tratar do assunto.

Aparentemente, agora ela já rompeu com diversos questionamentos acerca do feminismo quando trouxe mais elementos para o seu trabalho, como a questão do feminismo negro. Neste ano, com o lançamento de *Lemonade*, ela se mostra uma mulher mais madura e mais clara quanto às suas ideias. Portanto, ela não é mais tão criticada e questionada sobre o seu feminismo. Talvez ela tenha aprendido com erros anteriores que desqualificaram a sua adesão à causa feminista, e agora está mais domesticada sobre como ser uma ativista do feminismo, e usar isso para vender discos e para preservar a sua imagem pessoal.

É claro também que parece um tanto quanto presunçoso afirmar que existe uma feminista perfeita. Todas nós crescemos em uma sociedade ainda marcada pelo machismo, e fomos domesticadas a adquirir certos pensamentos misóginos. Essa mudança na mentalidade é algo que ocorre de forma gradual (como o próprio feminismo e a revolução sexual, que foram acontecendo gradualmente ao longo de décadas). O importante é nunca deixar de exercitar a empatia e a sororidade feminina e sempre tentar evoluir quando falamos de feminismo. A fim de garantir, cada vez mais, que toda mulher tenha voz e liberdade na nossa sociedade.

5 CONCLUSÃO

O feminismo é um termo e um movimento social que está em constante transição. As demandas das mulheres estão sempre se transformando de acordo com o cenário político, social e econômico predominante no momento atual da nossa sociedade. Reinvidicações ora importantes como o direito ao voto já foram conquistadas, mas sendo um grupo minoritário, as mulheres devem estar sempre atentas não só aos direitos conquistados e à sua manutenção, como também ao surgimento de novas questões e, é claro, à luta que se mostra necessária por novas reinvidicações que surgem no nosso cotidiano.

Parece que julgar o feminismo em Beyoncé apenas com a perspectiva de que esses são os ideais da cantora é um tanto quanto ingênuo. É claro que, por um ponto de vista mercadológico, o ativismo presente no trabalho da artista é bastante benéfico para ela, sendo um fator de impulsionamento de suas vendas. Talvez as preocupações de Beyoncé não sejam tão genuínas quanto parecem e isso se dá pelas diversas contradições entre o feminismo e o machismo tão visíveis em sua obra. Mas ainda assim, todas estas bandeiras de luta estão repercutindo e isso se dá porque a cantora resolveu trazer esses problemas para a sociedade através de sua música pop, então acredito que isso pode ter uma influência positiva para o mundo.

Com este trabalho, foi possível concluir que se ater aos velhos paradigmas do feminismo já não é mais suficiente. E que qualquer forma de manifestar ideais e luta por direitos é válida, inclusive através da indústria da música, que influencia milhares de pessoas por gerações. Só do feminismo em Beyoncé Knowles ser discutido, contestado e mesmo criticado já é falar do movimento, deixar a palavra feminista em voga nos meios de comunicação e aumentar a consciência sobre o assunto. Talvez mesmo que inconscientemente, a cantora esteja contribuindo para essa visibilidade do feminismo.

Lembrando que a mídia também tem uma função essencial neste processo. Isso se dá por conta da espetacularização da vida privada de celebridades que são exploradas maciçamente pelos meios de comunicação. Com isso, o público começa a criar narrativas próprias acerca do que está acontecendo na vida do artista, contribuindo para que tal celebridade esteja em evidência ou não. Mesmo com a internet, é correto dizer que se a mídia não estivesse tão presente neste processo, talvez uma celebridade não conseguisse exercer uma influência global tão forte quanto acontece atualmente.

É claro que como a cantora ainda está viva e atuante na indústria da música, muitas mudanças ainda poderão ocorrer daqui a frente. Tanto do feminismo que ela difunde, quanto no feminismo negro e outras questões raciais. Até o presente momento, as reflexões acerca do tema estão explicitadas aqui, mas vale ressaltar que como o feminismo está sujeito a mudanças, o estudo e análise do trabalho da cantora em relação a movimentos sociais também está.

Se Beyoncé continuar por explorar linhas de pensamento mais ligadas à questão racial e feminismo negro, tal vertente poderá ser cada vez mais explorada no meio acadêmico. Tendo em vista os estudos começados por Angela Davis, interligando gênero, raça e classe, fica cada vez mais interessante interligar o ativismo de Beyoncé ao já citado estudos de gênero. Outra vertente que pode ser explorada quando falamos da cantora é a parte de estudos culturais envolvendo ícones da música pop e porque eles exercem um fascínio e um poder de influência tão grandes no público.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EASLEA, Daryl. Beyoncé. *Crazy in Love – The Beyoncé Knowles Biography*. Londres, Editora Omnibus, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão de Gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016, p.42-70.

FRIEDMAN, Betty, *A Mística Feminina*. Petrópolis, RJ, Brasil, Editora Vozes Limitadas, 1971.

FREEDMAN, Estelle. *The Essential Feminist Reader*. Estados Unidos, Editora Modern Classic, 2007.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo, Boitempo, 2016, p.57-153.

VENKER, Suzanne. SCHLAFLY, Phyllis. *O Outro Lado do Feminismo*. Santos, Editora Simonsen, 2015, p.95-200.

ANDRADE, Regina Glória Nunes. *Personalidade e Cultura: Construções do Imaginário*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 2003, p. 141-152.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009, v-1, p. 18- 40.

LYRA, Bernadette & GARCIA, Wilton (org.). *Corpo e Cultura*. São Paulo, 2001, p. 49-79.

NOGUEIRA, Conceição. *Um Novo Olhar Sobre As Relações Sociais de Gênero: Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*. Braga, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

NETO, Maria Inácia D'Ávila & BAPTISTA, Cristiana Muniz de Aragão. *Páthos e o Sujeito Feminino: Considerações Sobre o Processo de Construção Narrativa Identitária de Mulheres de Grupos Culturalmente Minoritários*. São João Del Rey, 2007.

BRANDÃO, Mariana Rosa Pugginelli. *O poder da fama e das celebridades na sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro, 2014. Tese de Graduação Escola de Comunicação da UFRJ.

LANA, Lígia. *A mulher bem-sucedida e a participação da internet na construção de celebridades femininas*. Rio de Janeiro, 2013. Artigo apresentado no XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

BARRETO, Nayara Matos Coelho Barreto. *A nudez como arma política: Um estudo comparativo do nu feminino na mídia*. Rio de Janeiro, 2012. Artigo apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste / Interfaces Comunicacionais.

NATANSOHN, Leonor Graciela. *Mulheres na Cultura Digital: perspectivas e desafios*. Salvador, 2011. Artigo apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste/ Comunicação, Espaço e Cidadania.

PINTO, Raphael Silva. *Beyoncé: Atravessamentos e Espacialidades do Íntimo*. Rio de Janeiro, 2014. Artigo apresentado no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

LEITE, Fernanda Capibaribe. *Configurando o “Eu-Mulher”: A Construção do Sujeito no Processo de Empoderamento para as Mulheres*. Recife, 2012. Artigo apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/ DT 6 – GP Comunicação e Culturas Urbanas.

Websites:

Site oficial de Beyoncé Knowles

<http://www.beyonce.com/>

Pure People

http://www.purepeople.com.br/famosos/beyonce-knowles_p425

Campanha Chime For Change

<http://www.chimeforchange.org/about-us/>

Campanha Ban Bossy

<http://banbossy.com/>

Lugar de mulher

<http://lugardemulher.com.br/?s=beyonc%C3%A9&x=0&y=0>

Obvious – Revista Eletrônica

http://lounge.obviousmag.org/insert_coin/2014/05/o-feminismo-segundo-chimamanda-ngozi-adiche-e-beyonce.html

Clic RBS – Revista Donna

<http://revistadonna.clicrbs.com.br/comportamento-2/o-caminho-feminismo-de-simone-de-beavouir-ate-beyonce-e-valesca-popozuda/>

Portal ItPop MTV

<http://www.portalitpop.com/2013/12/feminismo-o-curioso-caso-de-beyonce.html>

Estadão online

<http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/sem-retoques/beyonce-neofeminista/>

Genius

<http://genius.com/Malcolm-x-who-taught-you-to-hate-yourself-annotated>

EastLondonLines UK

<http://www.eastlondonlines.co.uk/2014/12/angela-davis-discusses-racism-beyonce-and-feminism/>

Revista ELLE online – Estados Unidos

<http://www.elle.com/fashion/a35286/beyonce-elle-cover-photos/>

Youtube – Discurso We should all be feminists – Chimamanda Adichie – TedXtalks

https://www.youtube.com/watch?v=hg3umXU_qWc

The Guardian online

<https://www.theguardian.com/music/musicblog/2014/jan/28/beyonce-drunk-in-love-problem-lyrics>

Revista Veja online

<http://veja.abril.com.br/entretenimento/show-de-beyonce-no-super-bowl-gera-revolta-entre-conservadores/>

Dicionário Michaelis Online

<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=ZBWx>

Filmografia:

BEYONCÉ– Life is but a dream. Direção de [Beyoncé](#) Knowles, [Ilan Y. Benatar](#), [Ed Burke](#):
Distribuidora: BBC Worldwide, HBO, 16 fevereiro 2013, 22 minutos.

HEINZERLING, Zachary. Self-Titled. Produção de Beyoncé Knowles, Ed Burke, Bill Kirstein e Carly Hugo. 2013, 23 minutos.

Episode: Beyoncé. Driven VH1 Documentary. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=NmZmR8LWAMs>
<https://www.youtube.com/watch?v=NRtqzsijcUs> Acesso em 10 de julho de 2016, 30 minutos

KNOWLES, Beyoncé. Yours And Mine. Curta-metragem. 2014. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=x4pPNxUzGvc>. Acesso em 10 setembro 2016, 11 minutos

THE MASK you live in. Jennifer Siebel Newsom. The representation project. 2015, 97 minutos.

SHE'S beautiful when she's angry. Direção e produção de Mary Dore e Nancy Kennedy. 2014, 92 minutos.

LEMONADE – The visual album. Beyoncé Knowles, HBO, 2016. Disponível em <https://mais.uol.com.br/view/jbux3l5selct/parte-1--lemonade-the-visual-album--legendado-pt-br-04024C99396ED8C15326?types=A>
<https://mais.uol.com.br/view/jbux3l5selct/parte-2--lemonade-the-visual-album--legendado-ptbr-04028C183860DCC15326?types=V&>
<https://mais.uol.com.br/view/jbux3l5selct/parte-3--lemonade-the-visual-album--legendado-pt-br-0402CD193860DCC15326?types=V&> Acesso em 15 outubro 2016, 110 minutos.

Entrevista Lígia Lana

Como você acha que se dá a criação de ídolos feministas de massa? E através da música? Nos anos 1990, a mídia popular passa a anunciar que a guerra dos sexos, vivida nos anos 1960 e 1970, chegou ao fim. As mulheres tornaram-se, de acordo com a mídia, fortes. Elas teriam deixado de ser vítimas da cultura, da história, da sociedade e dos homens; agora, assumem um papel ativo, de demonstração de poder. De acordo com Naomi Wolf, para a segunda onda do feminismo, as boas mulheres foram vítimas ao longo da história, o que foi útil para alcançar mudanças sociais. A figura da mulher sofredora, no entanto, não atenderia mais às expectativas femininas. A vitimização precisaria ser superada, uma vez que seria o principal obstáculo para as mulheres alcançarem plenamente o poder. Em *Fire with Fire*, publicado em 1994, a autora afirma que as mulheres possuem desejo e força, ao contrário de vulnerabilidade e dor. Fogo contra fogo, as mulheres se lançam, empoderadas, aos desafios dos papéis de gênero. A partir daquele momento, passou a existir na mídia um olhar positivo para movimento feminista. Tornou-se possível divulgar o sucesso de mulheres que se apresentavam como feministas e, de maneira assertiva, alcançavam realização pessoal. A atitude antifeminista dos anos 1960 e 1970 perdeu terreno; as narrativas de vida ensinavam para outras mulheres como cumprir seus papéis de gênero a partir de uma orientação nomeadamente feminista. Nos anos 1990, passou a ser possível a existência de ídolos feministas de massa.

Você considera Beyoncé como uma diva feminista? Se sim, porquê?

Acredito que ela seja uma "heroína pós-feminista". O conceito de pós-feminismo é polissêmico e, entre outros aspectos, indica um momento em que as ideias feministas são repensadas, um período de balanço dos Women's Studies e das pautas da mobilização feminista. Como argumenta Wendy Brown, a formação de cânones feministas, o contexto pós-colonial e o interesse da cultura pop pelo feminismo fizeram com que a reflexão sobre

gênero se reposicionasse. Emergiram, pois, questionamentos da política feminista, da multiplicidade e da complexidade de reivindicações femininas. Relevante para as ciências sociais e celebrado pela mídia, o pós-feminismo é contraditório, múltiplo e revela a impossibilidade de existir uma agenda única para alcançar a justiça. O pós-feminismo é uma aura, uma atmosfera, uma sensibilidade, como ensina Rosalind Gill, construídas pelo jornalismo, pela moda, pela música e também pelos discursos feministas.

Muitos dizem que várias composições de Beyoncé podem ser consideradas machistas porque objetificam a mulher. Você concorda? Porquê?

Como argumentam Sthéphanie Genz e Benjamin Brabon, o pós-feminismo implica uma noção iluminista de progresso, em que o empoderamento é tratado como opção e ação individuais. A motivação da mulher para agir, ser ativa e conquistar seu espaço afastam-se do ideal coletivo dos anos 1960-1970, época da revolta diante das desigualdades, das injustiças e da luta pela reparação de dano. A partir dos anos 1990, a motivação para a conquista de sucesso é resultado da performance pessoal. As reflexões em torno de erotização da cultura, que dizem respeito à acusação da "objetificação", enfatizam, constantemente, a crítica ao sexo. A oposição entre mulher objeto e mulher ativa traz um debate infrutífero, uma vez que não correlaciona aspectos como classe social e etnia. A figura da "mulher objeto" não pode ser pensada de maneira isolada, mas analisada através da interseção de novos eixos de poder na mídia.

Entrevista Micael Herschmann

Seu estudo é bastante voltado pra cultura pop. Gostaria que você falasse, pensando em celebridades como a Beyoncé, como essas celebridades e divas do pop influenciam a sociedade através de suas músicas?

Eu não sou exatamente um especialista em cultura pop por exemplo né. Há pouco tempo atrás estava tendo aquela confusão envolvendo a Taylor Swift e o Kanye West. Aquela confusão que deu envolvendo os dois e aí a questão era colocar aquilo apenas, quer dizer, eu acho que houve uma, fizeram matéria e eu acho que é na verdade até aquilo de mexerico envolvendo celebridades. Eu acho que um pouco do universo do pop é tratado de uma maneira um tanto quanto pejorativa mesmo. Por um lado eles tem muito prestígio, muita audiência, muita mobilização em torno do pop, mas a tendência é olhar aquilo tudo como uma espécie de lixo cultural globalizado. Tem uma certa perspectiva muito forte. Agora eu

acho que o outro jeito de você ver o pop é pensar nessa mobilização que esses artistas têm, né, Beyoncé, Madonna, e refletir em que medida também, não estou dizendo que não tenha isso de mexerico, que não existam estratégias emocionais que o Kanye West faz uma jogada, se promove, por exemplo, tem tudo isso. Obviamente que os artistas, eles sabem que são celebridades e há toda uma preocupação de fazer sim um trabalho de gestão de imagem e se promover. Mas acho que tem uma outra dimensão do pop que é a dimensão política, que ganha tudo, se esses artistas passam a sublinhar certas questões. Porque eles na verdade são pessoas que tem muita influência sobre a sociedade né, eles são grandes lideranças mundiais. Então quando a Beyoncé pega e faz, é convidada pra ir pra abertura do superbowl como aconteceu na última edição, evidentemente, e ela sempre recorrentemente trata a questão do posicionamento da cultura negra, a questão do negro aparece com frequência no trabalho dela. Isso evidentemente ganha um grande peso político por conta da enorme visibilidade e grande capacidade de mobilização que esses artistas têm. Então em função dessa grande visibilidade e dessa grande capacidade de mobilização, o pop ganha essa dimensão política. Não que a dimensão do entretenimento, do comércio, é divertido não é divertido. Porque assim eu faço parte de uma corrente de pesquisadores que não vê que as coisas necessariamente, ou são uma coisa ou outra. Eu acho que as coisas podem ser lúdicas, podem entreter, podem ser divertidas e ao mesmo tempo, serem políticas. Então eu acho que essa é uma dimensão que geralmente não é muito pensada, a respeito do pop. Em geral a gente fica pensando a questão comercial..enfim, essa perspectiva de desvalorização. O que eu acho interessante é pensar que talvez alguns artistas se apropriem do pop e conseguem transmitir mensagens que fazem as pessoas pensarem, refletir, fazer crítica social. Então acho que isso é bacana e bastante interessante.

A Beyoncé é vista como feminista por muita gente, mas ao mesmo tempo muito criticada por ser machista já que ela leva uma vida mais tradicional. É casada, com filha, perdoou uma infidelidade do marido. O que você tem a dizer sobre isso?

Eu acho que essa bandeira do feminismo aparece com muita recorrência entre as divas do pop. Talvez a sensação que eu tenho é que a Beyoncé é mais ativista do que outras, ela tá mais preocupada com a questão do negro e ela parte pra uma série de confrontações. Mas elas representam de alguma forma, um certo ideal pra muitos jovens do que seria uma mulher realizada, livre, independente economicamente. Representa um certo modelo que

bate um pouco com aquelas coisas que eu tava comentando na pergunta anterior, sobre esse lugar de projeção de se ver essas divas e astros do pop como uma espécie de lideranças mundiais, já que eles são tomados como modelos pra muitas gerações. Agora, aí sou eu Micael como vejo, talvez eu não seja nem a pessoa mais adequada porque eu não sou um especialista em feminismo, mas o pouco que eu conheço e estudei do feminismo, não me parece que o feminismo hoje de ponta, talvez até um pós feminismo que se fala, depois da primeira, segunda e terceira onda feminista né, não me parece que necessariamente você estar casado e ter um marido, ter um filho, faz de você uma traidora do movimento feminista. O problema é que no mundo pop, e isso um pouco, esses artistas tem que estar atentos a isso, eles fazem um certo jogo em cima de arquétipos, estereótipos né. Mas me parece que a Beyoncé é bastante livre né, ela tem muitos problemas no casamento dela, ela vive brigando com o Jay-Z, etc etc. Então eu acho que é um certo erro achar que o feminismo quer dizer que a mulher tem que não aceitar construir um relacionamento e tal, mas isso não quer dizer que ela seja uma pessoa tradicional. Eu acho que a liberdade está exatamente em você escolher se você quer ficar com alguém, ou não quer ficar com alguém, ou quer ficar com várias pessoas. Ou ser heterossexual, estar em uma relação monogâmica, poli amor. Então eu acho que isso, digamos, eu entendo que haja uma cobrança das feministas, mas me parece que o feminismo mais de ponta já rompeu com vários estereótipos aí né. Então eu não vejo uma incoerência por parte da Beyoncé, ela pode ter bandeiras ali dentro do feminismo que ela se dedica com mais rigor. Então essa cobrança sempre vai existir com essas pessoas que tem toda essa visibilidade. Eu acho que é muito mais por aí.

Além do feminismo, a Beyoncé tem usado a sua música também pra levantar questões relacionadas ao movimento negro, principalmente agora que essa coisa racial tá muito forte nos EUA. Até que ponto você acha que isso é uma preocupação comercial, de lugar de mercado ou não?

Isso não quer dizer que os negros estão no poder né, mas evidentemente, eu acho que é um discurso poderoso né. Eu acho que o movimento negro se revitalizou, essa é a minha hipótese, de que o movimento negro se revitalizou por conta do hip hop e da música pop. Acho que houve uma revitalização, um crescimento do movimento negro, nos EUA, no Brasil, em várias partes do mundo. Acho que aquele discurso tradicional político estava um pouco desgastado e a música veio dar uma dimensão muito mais lúdica, sensorial, embalar

os encontros, as manifestações e eu acho que deu muita força esse casamento do movimento negro com música. Por outro lado também, quer dizer, um discurso libertário minoritário é um lugar de mercado, a gente não pode ser ingênuo, ser rebelde, defender as minorias é, obviamente, construir um lugar de mercado especialmente pra um público jovem que se identifica com um discurso marcado pela rebeldia. E com isso também elas estão conquistando um grande número de jovens que estão se identificando com um discurso libertário, de autonomia, viva as minorias. Então tem essa ambiguidade, agora onde começa a dimensão comercial e onde começa a dimensão política é muito difícil precisar porque essas coisas estão misturadas e embaralhadas.

Você acompanha o trabalho da Beyoncé? O que tem a dizer sobre?

Acompanho alguma coisa, mas muito pouca coisa. Eu acho as vezes interessante a Beyoncé, ela tem como estratégia, as vezes lança o disco primeiro com os clipes. E tem todo um trabalho em cima da visualidade. O que me parece é que nessa parte é tudo muito bem estudado, são profissionais fantásticos que assessoram elas, com os vestidos, as danças, os detalhes, as estratégias. Aí tem aquelas estratégias que eu vejo que os fãs ficam salivando, excitados, “vazou um clipe”, aí todos vão correndo pra internet pra assistir. Bem diferente de como você fazia antes né, que você lançava o disco e aí chegava a crítica e depois ia fazer o concerto e os clipes. Toda a coisa é feita pra mobilizar o público. O que eu percebo é que todas elas buscam fazer um casamento entre a musicalidade, a visualidade e a dança. E alguma questão de fundo social, que não necessariamente é muito forte, ou é uma coisa mais desilusão amorosa ou tem uma coisa social assim.